

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ACADEMIA  
LUÍS FERNANDO BERTOLATO PAIVA**

**O PROCESSO EDUCATIVO À LUZ DA TEORIA DA GERATIVIDADE DE  
CHOMSKY**

Juiz de Fora  
2020

**LUÍS FERNANDO BERTOLATO PAIVA**

**O PROCESSO EDUCATIVO À LUZ DA TEORIA DA GERATIVIDADE DE  
CHOMSKY**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Filosofia do Centro Universitário Academia, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Pe. Rômulo Gomes de Oliveira.

PAIVA, Luís Fernando Bertolato. **O processo educativo à luz da teoria da Geratividade de Chomsky**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Licenciatura em Filosofia, do Centro Universitário Academia de Juiz de Fora, realizado no 2º semestre de 2020.

:

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Pe. Rômulo Gomes de Oliveira (UniAcademia)  
Orientador

---

Prof. Dr. Robione Antonio Landim (UniAcademia)

---

Prof. Dra. Mabel Salgado Pereira (UniAcademia)

Examinado(a) em: 07/12/2020.

Dedico este trabalho, com muito amor, à  
minha família e aos meus amigos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus que me conduziu ao longo desse importante caminho de conhecimento e me concedeu o dom da razão. Aos meus pais, Luciana de Fátima Bertolato e Fernando da Silva Paiva, os quais sempre me motivaram a nunca desistir dos meus ideais, buscando, permanentemente, a dedicação e a responsabilidade e aos meus familiares que sempre me apoiaram.

Agradeço ao Centro Universitário Academia por me proporcionar a formação, em especial ao curso de Filosofia, na pessoa de sua coordenadora, Prof.<sup>a</sup> Me. Regina Lúcia Praxedes de Meirelles. Ao meu orientador, Prof. Dr. Pe. Rômulo Gomes de Oliveira, pela atenção ao meu trabalho, sobretudo no incentivo a buscar novos horizontes na pesquisa. À prof.<sup>a</sup> Me. Roberta Baffa Andrade, pela disponibilidade e prontidão. À Prof.<sup>a</sup> Dra. Mabel Salgado Pereira que, mesmo de modo remoto, orientou-nos com atenção e entusiasmo para que o trabalho ficasse mais belo.

Agradeço a todos os meus amigos pelo incentivo e presença em minha vida, em especial ao Alex Pereira da Silva e Márcio da Silva Nunes, pela presença em minha vida e apoio constante. Aos meus irmãos, Heitor Vinícius Neto Jordão e Maycon Zeni Gonçalves, que iniciaram comigo a caminhada vocacional, gratidão pelo companheirismo e amizade. Ao Leonardo José de Mello pelas contribuições técnicas. Aos companheiros de seminário pela convivência e testemunho vocacional. Ao formador do Seminário Maior Nossa Senhora de Guadalupe, Pe. Edmilson Ferreira de Souza, pelo importante papel no meu processo formativo ao longo desses quatro anos. Aos padres, Ênio Marcos de Oliveira e Antônio Márcio Marques de Queiroz, pelo apoio e incentivo. Aos amigos e amigas dos seminários da Diocese de Leopoldina por permitirem, por meio de sua generosidade, que a minha formação acadêmica acontecesse.

Dentro de todos e de cada um está um  
tesouro, que é preciso estudar.

Noam Chomsky

## RESUMO

PAIVA, Luís Fernando Bertolato. **O processo educativo à luz da teoria da Geratividade de Chomsky**. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Filosofia). Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, 2020.

O conhecimento da estrutura linguístico-cognitiva universal acontece por meio da investigação acerca da teoria gerativa da linguagem, desenvolvida por Chomsky. O conhecimento linguístico é compreendido a partir do horizonte do inatismo, o qual possui suas raízes na História da Filosofia. O fator determinante em sua teoria é que ela é comum a todos, sendo também *a priori* ao desenvolvimento do ser humano. Assim, a universalidade do conhecimento se explica a partir da aquisição que acontece ao indivíduo. O presente trabalho envolve três passos importantes da tarefa educativa, o conhecimento, o investimento e a avaliação. Tanto para o conhecer quanto para o investir, os conceitos competência e desempenho (performance) são fundamentais. Tais conceitos permitem o aprofundamento do conhecimento pelo qual a educação, em que, além de saber o sentido formal das regras, é capaz de abrir os horizontes e investigar a respeito das qualidades, limites e possibilidades do homem, a partir de fatores inerentes à sua constituição – a linguagem e a cognição. A linguagem age de modo crucial no pensamento, na ação e nas relações sociais e pode ser expressa na criatividade linguística. Por meio de uma apresentação da relação do inatismo com Descartes e Platão, torna-se evidente as peculiaridades que o ser humano possui, sobretudo no que diz respeito ao conhecimento inato. Por fim, é apresentada a possibilidade de avaliar a ação humana individual e social, diante do que foi conhecido e investido, através do conceito de natureza humana. O conhecimento da competência linguística vai iluminar a prática gestora educacional, a qual visa desenvolver competências em um sentido prático.

Palavras-chave: Competência. Desempenho. Noam Chomsky. Teoria gerativa.

## **ABSTRACT**

The knowledge of the universal linguistic-cognitive structure occurs through research on the generative theory of language, developed by Chomsky. The linguistic knowledge is understood from the horizon of innatism, which has its roots in the History of Philosophy. The determining factor in its theory is that it is common to all, and it is also a priori to the development of human beings. Thus, the universality of knowledge is explained by the acquisition that happens to the individual. The present work involves three important steps of the educational task, knowledge, investment and evaluation. Both to know and to invest, the concepts of competence and performance are essential. Such concepts allow the deepening of the knowledge by which education, in which, in addition to know the formal meaning of the rules, is able to open horizons and investigate the qualities, limits and possibilities of a person, based on factors inherent to its constitution – the language and the cognition. The Language acts crucially in thought, in action and in social relations and can be expressed in linguistic creativity. Through a presentation of the relation of innatism to Descartes and Plato, it becomes evident the peculiarities that the human being has, especially with regard to innate knowledge. Finally, it is presented the possibility of evaluating individual and social human action, considering what was known and invested, through the concept of human nature. The knowledge of linguistic competence will illuminate the educational management practice, which aims to develop competences in a practical sense.

**Keywords:** Competence. Performance. Noam Chomsky. Generative theory.



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>A ESTRUTURA LINGUÍSTICO –COGNITIVA UNIVERSAL: A EDUCAÇÃO QUE CONHECE</b> .....	<b>13</b>
2.1	A TEORIA GERATIVA DA LINGUAGEM DE CHOMSKY .....	13
2.2	A TAREFA DA EDUCAÇÃO DE CONHECER PARA AGIR .....	21
<b>3</b>	<b>A EDUCAÇÃO QUE INVESTE</b> .....	<b>26</b>
3.1	INVESTIR A PARTIR DOS CONCEITOS DESEMPENHO E COMPETÊNCIA .....	26
3.2	CRIATIVIDADE LINGUÍSTICA E FILOSOFIA .....	31
3.3	GESTÃO EDUCACIONAL E COMPETÊNCIA .....	36
<b>4</b>	<b>A EDUCAÇÃO QUE AVALIA E REVÊ</b> .....	<b>41</b>
4.1	AVALIAR A PARTIR DO CONCEITO DE NATUREZA HUMANA .....	41
4.2	UMA REVISÃO SOBRE A AÇÃO HUMANA DIANTE DO QUE SE CONHECE .....	48
4.3	UMA AVALIAÇÃO PROVOCA MUDANÇAS .....	51
4.4	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>55</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>57</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho busca apresentar uma reflexão a respeito do processo cognitivo da linguagem enquanto aparato biológico inato do ser humano, segundo a Filosofia de Noam Chomsky. Considerando-se tal propriedade humana, essa filosofia apresenta dois conceitos essenciais: desempenho e Competência (CHOMSKY, 1978). Tendo em vista esses conceitos, o presente trabalho se estrutura em uma tríade pedagógica trabalhada aqui em três momentos: conhecer, investir e avaliar. Trata-se: (1) de conhecer a estrutura linguístico-cognitiva comum inata aos indivíduos, (2) de investir a partir desse aparato e, por último, (de) realizar uma avaliação de todo o processo, em vista de melhorias necessárias.

Durante muito tempo, a Filosofia teve a preocupação de definir a origem e as causas da linguagem. Uma primeira divergência sobre o assunto surgiu na Grécia antiga: a linguagem é natural aos homens, isto é, existe por natureza, ou é uma convenção social? (CHOMSKY, 2005).

Segundo o **Dicionário de Filosofia**, a linguagem pode ser definida basicamente como um conjunto de sinais intersubjetivos, que tornam possível a comunicação (ABBAGNANO, 1970). O convencionalismo linguístico surge com os sofistas, no século V a. C. Esta interpretação sobre a linguagem diz respeito a qualquer doutrina, segundo a qual a verdade de algumas proposições válidas em um ou mais campos se deva ao acordo comum ou ao entendimento daqueles que utilizam essas proposições. Postura interpretativa diferente é o naturalismo, em que a substância das coisas tem o princípio do movimento em si próprias. Platão assume uma postura intermediária entre o naturalismo e o convencionalismo. Em Aristóteles, o convencionalismo desaparece e só vai ser retomado no pensamento contemporâneo. Pois, o filósofo estagirita insere, entre o nome e o objeto, o conceito de afeição da alma, que cinde e articula a relação entre o nome e seu significado. Segundo o filósofo, a relação palavra-imagem mental é convencional e a relação imagem mental-coisa é natural. Esses sinais possuem funções linguísticas e a capacidade de combinação com outros sinais (ABBAGNANO, 1970).

Do ponto de vista geral e também filosófico, o problema da linguagem é a questão da intersubjetividade dos sinais, isto é, do fundamento desta intersubjetividade. A questão da origem da linguagem é um problema debatido posteriormente, no período do século XVII ao XIX, quando se questiona se esta

surge por convenção, ou seja, como trabalho de consenso intersubjetivo, fruto de um contrato entre homens, ou se se dá por natureza, quando a intersubjetividade é garantida pela relação ontológica universal do sinal linguístico com a coisa (ABBAGNANO, 1970).

Dentre as perspectivas mais recentes, tem-se a interpretação linguística do filósofo estadunidense Avram Noam Chomsky (1928-). Um dos aspectos novos que Chomsky traz em sua teoria é o fato de que uma parte substancial do nosso conhecimento da linguagem é inata. Essa base inata é uma estrutura linguística potencial que permite a cada indivíduo humano desenvolver a linguagem e, a partir disso, produzir enunciados infinitos, por meio do conceito que o autor denomina criatividade. O que se localiza no centro deste inatismo são as regras gramaticais, que são imanentes aos indivíduos e, portanto, universais na espécie. Trata-se de uma **Gramática universal** geneticamente transmitida que pode operar no conhecimento e na linguagem dos indivíduos (CHOMSKY, 2005). A partir do conhecimento apropriado dessa estrutura, a qual se relacionam competência e desempenho (performance), a educação é capaz de realizar os investimentos necessários, tanto em perspectiva individual como social. Esse investimento pode ser feito não somente em relação ao conhecimento da linguagem, mas também quanto ao conhecimento humano em geral.

A linguagem como capacidade de expressão dos seres humanos é natural, isto é, os humanos nascem com uma aparelhagem física, anatômica, nervosa e cerebral que lhes permite expressarem-se pela palavra. Mas as línguas particulares, por outro lado, são convencionais, isto é, surgem de condições históricas, geográficas, econômicas e políticas determinadas, constituindo-se como fatos culturais. Uma vez constituída uma língua, ela se torna uma estrutura ou um sistema dotado de necessidade interna, passando a funcionar como se fosse algo natural, isto é, como algo que possui suas leis e princípios próprios, independentes dos sujeitos falantes que a empregam (CHAUÍ, 2000). Segundo Chomsky, essas línguas particulares ou empíricas, como o português e o árabe, por exemplo, tanto encontram na estrutura linguística, *a priori* da mente humana, um canteiro para brotar, quanto se entrelaçam com essa estrutura, formando com ela uma base única.

Isso pressuposto, cabe mencionar como essa fundamentação teórica será desenvolvida aqui. A construção desse trabalho dar-se-á em três passos importantes. Em primeiro lugar, será apresentada a Teoria Gerativa da linguagem de

Chomsky, objeto de conhecimento da segunda seção. No segundo momento, será abordada mais diretamente a questão da Competência e do desempenho, bases fundamentais para se realizar o investimento educacional. Discorrer-se-á, também, a respeito da criatividade linguística, numa abordagem histórica, sobretudo a partir de Platão e Descartes, fontes principais do pensamento filosófico e linguístico de Chomsky. E por fim, oferecer-se-á um olhar social e educacional sobre a Competência, bem como um modelo de avaliação a começar pela compreensão de aspectos humanos, a partir do conceito de Natureza humana.

Esse trabalho se fundamentou em referências básicas e complementares que possibilitaram desenvolver o tema debatido. Como principal referencial teórico foi utilizada a obra **Novos Horizontes no estudo da linguagem e da mente** (2005), que serviu de apoio para explicitar a questão de investigação do trabalho e a principal teoria do filósofo, assim como a obra **Linguagem e Mente** (2009), ambas de Chomsky. Obras secundárias do mesmo autor foram utilizadas: **Aspectos de uma Teoria da Sintaxe** (1978), para explorar um pouco a respeito da estrutura das línguas particulares em aspectos individuais e do conceito de Competência. A obra **Que tipo de criaturas somos nós?** (2018), que possibilita compreender aspectos do desenvolvimento da linguagem, refletindo sobre o bem comum do conhecimento.

Para melhor complementação das ideias essenciais foram usadas obras de aporte secundário. A obra **Discurso do Método**, de Descartes (2017), como recurso relevante, ao se analisar a criatividade linguística. A obra **Mênon**, de Platão (2001), que permite o diálogo a respeito da problemática em questão no âmbito da História da Filosofia. A obra **A criança, o lar e a escola**, de Weil (2019), elucidando aspectos importantes da prática educativa. A obra **Formação de professores**, de Borges (2013), que oferece uma importante contribuição a respeito da prática docente e seus desafios diversos.

Para a elaboração deste trabalho, a metodologia utilizada foi a análise teórica, através de leituras, fichamentos e pesquisas bibliográficas de cunho qualitativo etnográfico e documental. Os estudos basearam-se nos aspectos linguísticos, gramaticais, históricos e sociais, que envolvem o pensamento de Noam Chomsky, principalmente no estudo de sua Teoria da Geratividade Linguística.

Finalmente, vale destacar que este texto corresponde a uma perspectiva sobre a temática, dentre tantas possíveis, e que muitas outras questões podem ser consideradas diante da riqueza da Teoria da Geratividade Linguística. Assim,

espera-se que este trabalho contribua com ideias futuras e corresponda às expectativas próprias daquilo que lhe cabe, no contexto da conclusão de um curso de graduação em Filosofia.

## 2 A ESTRUTURA LINGUÍSTICO-COGNITIVA UNIVERSAL: A EDUCAÇÃO QUE CONHECE

Toda ação educativa, para que seja articulada com qualidade, necessita de um conhecimento acerca do objeto de sua atuação. Tendo em conta que este trabalho trata da possibilidade de aplicação das bases da teoria linguística de Noam Chomsky na educação, importa, antes de tudo apresentar o eixo desse pensamento.

### 2.1 A TEORIA GERATIVA DA LINGUAGEM DE CHOMSKY

Este item visa a apresentar em que consiste a chamada teoria gerativa da linguagem desenvolvida pelo pensador Avram Noam Chomsky. Para tanto, é necessário destacarem-se os conceitos atrelados à essa teoria, apresentando, dessa maneira, a grande novidade de seu pensamento.

Noam Chomsky é linguista, filósofo da linguagem, ativista e analista político estadunidense nascido na Filadélfia (Estados Unidos) aos sete de dezembro de 1928. Foi introduzido à linguística por seu pai, especializado em linguística histórica hebraica. Estudou na universidade da Pensilvânia, onde se tornou doutor em 1955, com uma tese sobre a análise transformacional, elaborada a partir das teorias de Z. Harris, de quem foi discípulo. Assim, tornou-se professor do renomado MIT (*Massachusetts Institute of Technology*), a partir de 1961. Nessa instituição, ele encontrou solo fértil para desenvolver seu programa de pesquisa, por meio de observações teóricas e práticas, contando com a participação de jovens pesquisadores universitários. A tarefa principal era interpretar e analisar o fenômeno linguístico, tendo em vista o que havia sido expresso externamente, através da língua falada ou escrita, que são uma parte da manifestação dos produtos externos da produção linguística para as capacidades internas dos falantes que estão envolvidos nesse conhecimento. Pode-se evidenciar esse momento inicial e fértil da pesquisa de Chomsky, conforme segue:

Assim houve uma criação de imagem de vanguarda associada ao gerativismo e de revolucionários científicos associados aos seus membros. Ocorreu uma nova demarcação na linguística com tons polêmicos, advogando mudanças radicais e importantes (CAETANO, 2019, p. 49).

Chomsky aborda os problemas da linguagem e estudos cognitivos com uma nova perspectiva filosófica. A principal contribuição do autor para a linguística e para a Filosofia da Linguagem é a ideia de que nosso entendimento da linguagem deve presumir uma base genética. Esse assunto está na base da Revolução Cognitiva que Chomsky liderou nas décadas de 1950 e 1960. Por meio desse estudo, ainda inovador, da linguagem, pode-se pensar a respeito de alguns caminhos que levam a compreender os processos pelos quais o ser humano constrói seu conhecimento linguístico. Suas principais obras são: **Estruturas sintáticas** (1957); **Aspectos de uma teoria da sintaxe** (1978); **Linguagem e pensamento** (1977); **Linguagem e mente** (2009), **Novos Horizontes no estudo da linguagem e da mente** (2000), **Que tipo de criaturas somos nós?** (2018).

A teoria da **gramática gerativa** surge em um contexto de grande pluralidade de perspectivas linguísticas no meio científico do século XX. Houve uma ampliação da pesquisa sobre a língua, indo além de como escrever ou falar para uma caracterização mais plena de como funciona a linguagem humana. Com isso, desenvolveram-se inúmeras hipóteses que deram origem a diversos programas de pesquisa concorrentes entre si e vários ainda em vigor, como, por exemplo, a escola de Genebra. Dessa escola emergem os trabalhos psicológicos de Jean Piaget (1896-1980), em uma perspectiva construtivista, enfocando a relação entre linguagem e o desenvolvimento da inteligência. Já na escola americana, surgem as pesquisas comportamentalistas de Burrhus Frederic Skinner (1904-1990), nas quais se defende o reforço e o estímulo como origem dos comportamentos humanos, à semelhança dos outros animais.

Métodos e concepções teóricas são vistos pelos integrantes do programa de pesquisa de Chomsky como ultrapassados e defeituosos em comparação com novas respostas elaboradas por opositores. Com esse fator, novos programas se achegaram, como o de Chomsky, rompendo com pressupostos científicos anteriores, especialmente das escolas citadas anteriormente (CAETANO, 2019).

Aqueles que integram um programa de pesquisa no estudo da linguagem geralmente se atêm tanto a aspectos empíricos quanto a argumentos racionais, independente de sua filiação teórica. Analisando o caminho percorrido por Chomsky, é estabelecido o objeto de estudo da linguística. Os dados dessa análise são apresentados em sua teoria.

Chomsky (2005) expõe sua teoria mais conhecida no campo da linguagem: a Teoria Gerativa ou da Geratividade. O autor trata, em especial, de questões metafísicas, surgidas de sua pesquisa, e esclarece pontos confusos e marcados por preconceitos que têm contaminado o estudo filosófico da linguagem. Diante disso, ele apresenta uma interpretação internalista ou inatista da faculdade humana da linguagem.

Informações complementares sobre essa teoria podem ser encontradas em alguns ensaios que marcam o início de um programa de pesquisa na década de 1950. Por exemplo, em Chomsky (2009), lê-se sua compreensão sobre as transições e as evoluções das questões da linguagem. E, como resultado de todas as reflexões de um cientista da Linguagem, tem-se ainda um tratado publicado em 2018, que traz importantes desfechos sobre a teoria central da geratividade.

É importante salientar que:

A gramática gerativa surgiu num contexto do que é frequentemente chamado de “a revolução cognitiva” dos anos 50, constituindo um fator importante em seu desenvolvimento. Seja apropriado ou não o termo “revolução”, houve uma importante mudança de perspectiva: do estudo do comportamento e de seus produtos (como os textos) para os mecanismos internos envolvidos no pensamento e ação. A perspectiva cognitiva toma o comportamento e seus produtos não como objeto de pesquisa, mas como um dado que pode fornecer evidências sobre os mecanismos internos da mente e sobre os modos como esses mecanismos operam ao executar as ações e ao interpretar a experiência (CHOMSKY, 2005, p. 33, grifo do autor).

O linguista vai desenvolver seu programa de pesquisa focando-se em duas características principais do sistema linguístico humano, as quais ele evidencia em sua base teórica: a sua universalidade, no sentido de ser comum a todos; e o fato de ser *a priori* ao desenvolvimento do ser humano. O complexo sistema linguístico humano não só é capaz de promover a sobrevivência dos sujeitos, mas também de exprimir suas emoções e vontades, de manipular, de argumentar e de criar.

Esse sistema já começa a ser adquirido mesmo antes do nascimento do indivíduo. A orelha interna do bebê se desenvolve por volta da vigésima quinta semana de gestação e é a partir desse momento, ainda no útero, que a criança começa a adquirir a linguagem. Dentro do útero, já é possível a criança ouvir a melodia linguística e a entonação de sua provável língua materna por meio dos falantes, mesmo não ouvindo as palavras, as vogais e consoantes que a compõem. Ao nascer, ela já é capaz de distinguir a melodia que existe internamente em sua



língua, quando esta é comparada a outras línguas. Um bebê francês, por exemplo, consegue distinguir a melodia entoacional do francês daquela do russo. Estudos científicos apontam que há uma facilidade maior em distinguir entre as línguas na medida em que aumentam as dessemelhanças. Desse modo, pode-se afirmar que a aquisição da linguagem é um processo natural, inconsciente, espontâneo e impetuoso: nem a surdez, nem a cegueira são capazes de impedir que ocorra a aquisição (CHOMSKY, 2009).

Nesse sentido, faz-se necessária uma explanação acerca dos conceitos de **Aquisição** e de **Aprendizado**. **Aquisição** é algo que acontece no indivíduo inconscientemente, ou seja, de forma totalmente natural, que não precisa de uma orientação didática, como, por exemplo, quando a criança vai aprender sua língua materna. Diferentemente, **aprendizado** é um processo consciente, que parte da vontade, da necessidade de um sujeito, não acontecendo, portanto, de forma natural. É justamente com esse processo não natural que Chomsky está se contrapondo, através do seu programa de pesquisa. Suas ideias são envoltas pelo inatismo, base teórica na qual ele se apoia, e cuja hipótese é a **Gramática Universal (GU)**, que é um conjunto de propriedades comuns a todas as línguas. Segundo a teoria inatista, as línguas naturais são realizações particulares da linguagem humana, não divergem arbitrariamente entre si, partilham propriedades universais e as crianças nascem predispostas biologicamente a adquirir qualquer língua constituída de acordo com essas propriedades (SIM-SIM, 2017 apud BUCHWEITZ, 2019).

A linguagem é considerada um órgão, um sistema complexo que vai sendo conhecido à medida que é revelado ao meio e em interação com ele (CHOMSKY, 2005). Esse processo de revelação do órgão da linguagem ocorre enquanto o indivíduo desempenha seu papel de interlocutor e receptor da linguagem em um meio, na sua realidade cotidiana. Há um princípio individual que determina esse órgão da linguagem, que é o **estado inicial**. Como o nome já sugere, esse estado envolve toda a dimensão genética do indivíduo. Pode-se afirmar, nesse sentido, que a linguagem existe em potência, ou seja, há uma estrutura linguística interna que se atualiza quando interage com a língua daquele local, país, região. Esta é a tese básica de Chomsky quanto à origem da linguagem humana.

O processo de produção de linguagem empírica, isto é, aquela que se realiza concretamente no uso oral dos indivíduos, envolve o que Chomsky chama de

**Competência** e desempenho (*Performance*). “Fazemos, portanto, uma distinção fundamental entre **Competência** (o conhecimento que o falante-ouvinte possui da sua língua) e **Performance** (uso efectivo da língua em situações concretas)” (CHOMSKY, 1978, p. 84, grifo do autor). Aqui vale ressaltar que a linguagem brota do interior do indivíduo, justamente devido ao inatismo dela, e se estende para a realidade externa em que esse indivíduo se encontra, ou seja, expressa-se. Nessa realidade existe a língua empírica, que é um sistema mais interno construído pelas diferentes linguagens existentes em uma cultura, como produto da mesma e que constitui o que normalmente se chama de idioma ou língua particular. A língua é considerada um sistema mais interno devido às suas propriedades particulares compartilhadas entre os indivíduos da mesma cultura, juntamente com as diferentes formas de expressão que lhes são próprias. Ela reúne tudo o que foi realizado como experiência em um determinado tempo, espaço e as propriedades das linguagens desempenhadas. Tudo o que acontece concretamente, seja de modo formal ou não, por meio da língua, é objeto de compreensão da Gramática Gerativa. Desse modo, segundo Caetano:

A Gramática Gerativa foi desenvolvida como um programa de correspondência na caracterização da historiografia da linguística, segundo o qual o uso da língua corresponde a estados cerebrais ou mentais, a serem representados por sistemas computacionais captáveis em uma linguagem formal (CAETANO, 2019, p. 48).

O analista afirma, comentando Chomsky, que os mecanismos internos da mente não são controlados por estímulos, quer internos, quer externos. A linguagem sempre serve ao pensamento. Por isso, ela é expressão livre do ser humano, seja este considerado normal ou intelectualmente dotado, pois vai construindo o seu modo de vida por meio da Linguagem e, dessa forma, está expressa sua identidade.

O evento da **Revolução Cognitiva** dos anos de 1950 traz essa grande novidade: por meio do comportamento, pode-se chegar àquilo que se chama de construção mentalística e entender de que forma a aquisição da linguagem, que é algo que acontece ao indivíduo no seu desenvolvimento biológico, permite que o mesmo encontre os meios para construir o conhecimento da linguagem. O eixo temático central que vem sendo debatido por meio dessa revolução é demonstrar como é possível que diferentes línguas sejam variações de um único tema e

registrar as variações de som e significado que são construídas a partir dessa base comum.

Uma análise atenta de uma criança que cresceu e aprendeu determinada língua, por meio das expressões que ela desenvolve, interagindo com essa língua, através do desenvolvimento de expressões marcantes da linguagem na cultura em que está inserida, pode mostrar, desde os estágios mais iniciais, que a criança sabe muito mais do que a experiência externa ofereceu a ela (CHOMSKY, 2005).

A **Teoria Gerativa** veio rejeitar um modo de olhar para a questão da aprendizagem bastante difundido na segunda metade do século XX: o esquema estímulo-resposta-reforço, base do Behaviorismo. Os behavioristas, em sua explicação, descrevem o comportamento inato da criança como algo bem reduzido. A criança seria capaz de repetir sons, memorizá-los, saber identificar qual é proveniente da mãe e fazer associações com desejo de fome à pessoa da mãe, por exemplo (CHOMSKY, 2009).

Chomsky se volta contra o Behaviorismo, principal corrente teórica do empirismo, em grande parte dominante na época, representado, sobretudo, por Skinner, considerando insuficiente a explicação do desenvolvimento da Linguagem a partir de respostas a estímulos. Além disso, o Behaviorismo não consegue explicar a grande complexidade das regras gramaticais (MARCONDES, 2009).

No Behaviorismo, o que predomina é um movimento-ação da criança, no qual o comportamento verbal seria gerado, moldado e sustentado pelo ambiente linguístico. De certa forma, seduzido pelo estímulo, a criança dá uma resposta já esperada. Até então, tem-se uma associação que não explica fenômenos linguísticos, mas apenas descreve erros no aprendizado da gramática de uma língua. Esse recurso é, segundo Chomsky, um mecanismo explicativo insuficiente, pois se relaciona intimamente com a inteligência e o conhecimento de mundo, anteriormente a estímulos ambientais. Porém, na **Teoria Gerativa** o que é constatado por meio das observações e interpretações das expressões é que a aquisição da linguagem é algo que acontece a uma criança. Não é questão de escolha nem um fator determinado por uma estrutura causativa externa, e sim uma dotação<sup>1</sup> biológica. Nesse sentido:

---

<sup>1</sup> Chomsky se refere a uma propriedade biológica, pela qual todos os seres humanos são dotados.

Um olhar cuidadoso sobre a interpretação das expressões revela muito rapidamente que, desde os estágios mais iniciais, a criança sabe muito mais do que a experiência ofereceu a ela. Em períodos de pico de aquisição da linguagem, uma criança adquire palavras numa média de cerca de uma palavra por hora, com exposição muito limitada e sob condições muito ambíguas (CHOMSKY, 2005, p. 34).

Como afirma em sua teoria, ele o faz por meio de uma abordagem mentalística. O conteúdo que existe na mente, denominado por ele como aspectos mentais do mundo, corresponde a uma realidade externa à mente. Isso inclui tudo aquilo que existe de mecânico, químico, óptico, entre outros. Todos esses aspectos mentais do mundo são propriedades finitas que se unem às propriedades infinitas internas da mente.

O caminho propício de entendimento que Chomsky realiza, consiste em explorar essa admirável composição que há na estrutura cognitiva do ser humano, constituída de recursos finitos, mas capaz de transformações infinitas. Para caracterizar essa infinitude, ele recorre às ciências biológicas com o objetivo de desvendar aquilo que está isolado em aspectos vitais. Por meio de sua pesquisa, o linguista busca a unificação de outras abordagens relativas às propriedades do cérebro, visando a um enriquecimento ainda maior de sua abordagem mentalística.

A legitimidade de uma teoria da linguagem passa pelo crivo da adequação descritiva, a qual fornece informações detalhadas sobre aquilo que o falante possui a respeito das propriedades da língua. A adequação explicativa, por sua vez, possui a tarefa de demonstrar como cada língua em particular é proveniente de um estado inicial uniforme e comum, sob condições limitadas e submissas à experiência. Nesse contexto, Chomsky enfatiza:

Podemos conceber o estado inicial da faculdade da linguagem como uma rede fixa conectada a um quadro de interruptores; a rede é constituída dos princípios da linguagem, enquanto os interruptores são as opções a ser determinadas pela experiência (CHOMSKY, 2005, p. 37).

O conjunto desses interruptores, analogicamente compreendidos, forma a língua humana. Seria como uma matriz universal que possui todos os elementos primordiais os quais serão herdados pelas diferentes línguas e experiências de linguagem, o que mais à frente será denominado **Parâmetros**. O fato de eles serem acionados de maneiras diferentes faz com que haja as diferenças linguísticas, isto é, o português, o latim, o chinês. Em cada língua há uma propriedade denominada

**interface.** Tal propriedade envolve três elementos que são expressos por meio da linguagem numa língua instituída: os aspectos de som e significado, os itens formados a partir desses aspectos e, por fim, as expressões que são construídas a partir dessas unidades. Por isso, para o linguista:

A pessoa que adquiriu conhecimento de uma língua interiorizou um sistema de regras que relaciona som e significado de determinada maneira. O linguista que constrói uma gramática de uma língua está, com efeito, propondo uma hipótese acerca desse sistema interiorizado (CHOMSKY, 2009, p. 63).

As propriedades semânticas das palavras são utilizadas com finalidades, como pensar e falar do mundo, baseando-se nas fontes disponibilizadas pela mente, e não da forma pela qual a interpretação fonética parece proceder, em que corre-se o risco de compreendê-la como algo isolado, apenas criado artificialmente, quando na realidade tem uma ligação estrita com a realidade. É importante destacar que o sentido da propriedade semântica de uma palavra advém da mente. Ao investigar o uso da linguagem, pode-se observar que palavras são interpretadas por meio de fatores, tais como: o que a constitui, materialmente falando, a forma que ela já possui e adquire numa oração, o seu uso característico e intencionado, o papel institucional e outros mais. Nessa perspectiva, expõe o filósofo norte americano:

Parece-me que estudos empiricamente orientados abordam problemas de significado da mesma maneira que estudam o som, como em fonética e fonologia. Tentam encontrar as propriedades semânticas da palavra livro, que ela é nominal, não verbal, usada apenas para se referir a um artefato e não a uma substância como água ou a uma abstração como saúde, e assim por diante. Pode-se perguntar se essas propriedades fazem parte do significado da palavra livro ou do conceito associado à palavra (CHOMSKY, 2005, p. 68).

A Filosofia da Linguagem possui um caráter de dubiedade. Desse modo tal característica é capaz de fornecer uma diversidade de respostas por meio de associações arbitrárias de som e significado e escolhas particulares com exceções a uma palavra que é apresentada, através de propriedades. O uso da língua pode tratar de várias maneiras as características semânticas e tal dubiedade garante a diversidade de interpretação. Em uma língua particular, pode-se afirmar que se trata de polissemia, ou seja, multiplicidade de sentidos de uma palavra ou locução.

Pode-se, diante desse fator, realizar o seguinte questionamento: como duas pessoas diferentes são capazes de compartilhar a linguagem com seus respectivos significados? Existe uma forma pública de linguagem que elas compartilharam e que possibilita essa compreensão mútua e a comunicação. Nesse sentido, a comunicação é mediadora da linguagem em seu estado natural. O ato de comunicar é secundário, não é essencial à linguagem. Por meio da comunicação, acontece a atualização daquilo que é compartilhado por dois ou mais indivíduos no que diz respeito ao estado inicial da faculdade humana da linguagem. Vale ressaltar que a linguagem é um instrumento do pensamento e não possui a comunicação como função primordial.

Há **princípios** que são universais e comuns a todas as línguas, como por exemplo, certos aspectos da sintaxe, nos quais o princípio do sujeito aparece e também as possibilidades de frases simples se tornarem complexas, e, do mesmo modo, o inverso. Os **parâmetros** são individuais, conforme a experiência linguística de cada um. Tanto os princípios como os parâmetros compõem a Gramática Universal para Chomsky (CHOMSKY, 1978).

Há uma linguagem comum em hipótese que traz um conteúdo real, que pode ser conhecido e acessado através da capacidade cognitiva de cada indivíduo. Pessoas diferentes usam um mesmo termo para se referirem a uma coisa ou objeto conhecidos. Chomsky traz o pensamento de que esse caráter público ou interpessoal de pensamento e significado possa ser resultado de um acordo natural, como se fosse um dom recebido desde o princípio e depositado no pensamento da humanidade, sendo transmitido de geração em geração<sup>2</sup>. Dessa forma, a dotação genética para a aquisição e desenvolvimento linguísticos estará presente na história do conhecimento do ser humano (CHOMSKY, 2005).

## 2.2 A TAREFA DA EDUCAÇÃO DE CONHECER PARA AGIR

Este trabalho objetiva tratar da base geral para tudo aquilo que se refere à educação, desde a formação primeira que a criança recebe em sua casa, por meio dos pais ou responsáveis, até a educação sistematizada que se inicia no ambiente

---

<sup>2</sup> Chomsky tem como ponto de partida a concepção cartesiana de mente. Pode-se afirmar que Descartes, um dos principais defensores do inatismo na modernidade, é a fonte pela qual Chomsky norteia sua abordagem mentalística (GLENDAY, 2008).

escolar, em suas várias etapas. Nesse sentido, todos são responsáveis pela educação e, para que esta aconteça com a melhor qualidade, é preciso conhecer quem é o interlocutor desse processo, ou seja, quem pode contribuir com seu conhecimento e ação, e o que existe de comum entre cada indivíduo que é receptor, especialmente o educando. É um processo amplo, complexo.

Para dar conta de abordar adequadamente esse processo, é necessário, antes de tudo, esclarecer o objeto do qual a educação deve se ocupar, segundo a base linguística que esta pressupõe. Em primeiro lugar, realizar a tarefa de conhecer essa estrutura linguística cognitiva comum, como descrita no item 2.1, em que foi explicitada a teoria Gerativa. O caminho a ser percorrido nessa longa tarefa é verificar o que se pode denominar com as categorias **princípio** e **parâmetro**. Ocupando-se dos princípios, a educação chega ao conhecimento do seu ponto de partida, que é considerar o universo linguístico inato. Após ocupar-se dos princípios, ela se ocupará com as particularidades, que são os parâmetros. Diante disso, existe um ponto que envolve tanto a atividade individual quanto aquilo que se refere a aspectos comuns entre os indivíduos: “A criatividade da linguagem é um processo combinatório de uma atividade social e cognitiva do indivíduo, que propicia a formação de uma interpretação pessoal do mundo” (TAVARES, 1970, p. 17).

O processo de aquisição da linguagem é algo *a priori*, no que se refere à **competência**. O que se pode chamar de desempenho e que será abordado mais à frente. O que cada indivíduo consegue desempenhar enquanto conhecimento da própria língua é do que a educação deve ocupar-se em um primeiro momento. Não se pode isolar o indivíduo, afirmando que todo o conhecimento que ele constrói se restringe àquilo que se chama de inatismo. Muito pelo contrário, há um conjunto de condições, situações e contextos que limita ou impulsiona o indivíduo a exercer essa capacidade recebida de forma inata, por dotação biológica, isto é, a **competência**. As condições externas atuam não como estímulos, assim como os behavioristas defendem, mas sim pelo envolvimento do indivíduo no seu meio, onde habita, ou seja, trata-se de algo distinto de uma fundamentação estímulo-resposta. Desse modo, pode-se afirmar que é impossível uma interpretação dicotômica entre a atividade cognitiva e a social do indivíduo. O processo de aquisição da linguagem é inato, pois o indivíduo nasce com as propriedades que o tornam apto a desenvolvê-la. Porém, aquilo que mais à frente será conceituado como desempenho ocorre como expressão em um meio de interação social. Nesse contexto, é preciso

reconhecer como imprescindível a análise do contexto social de onde os dados podem ser extraídos, a fim de conhecer a realidade concreta envolvida por universalidade e particularidades (TAVARES, 1970).

Ocupar-se desse conhecimento e dessa observação não significa ter o domínio de toda a realidade que acontece na concretude daquilo que é denominado criatividade linguística. É possível propiciar o reconhecimento dos limites relativos ao educando em seu processo de desenvolvimento, tendo em vista um conhecimento-base já adquirido. Quando se trata de uma aprendizagem formal, seja especificamente linguística ou em geral, há uma difusão desigual no processo, em relação aos indivíduos. Por isso, é fundamental ater-se em como essa desigualdade acontece, através de que meios e quais as consequências para o indivíduo e para a sua educação.

O caráter de uma pessoa, aqui compreendido como a característica de tudo que ela desenvolve, é constituído também pela ação da sociedade refletida no indivíduo. Aquilo que cada um é, implica aspectos sociais concretos interiorizados, até mesmo, no desenvolvimento do aprendizado de uma língua. Não há como esgotar o conhecimento sobre uma pessoa no que diz respeito aos seus limites cognitivos, até onde ela pode aprender e desenvolver um tipo de conhecimento ou habilidade. Nessa condição, a abordagem será sempre parcial. Nessa tarefa, pode-se afirmar que se esbarra em questões de ordem psicológica, como os níveis de aptidão e aspiração que existem em cada pessoa. Tudo isso sendo confrontado com os limites intelectuais, a partir da realidade apriorística do conhecimento:

É a existência do dispositivo que torna possível a aquisição da língua, auxiliado pelas estruturas inatas; a aquisição da linguagem é uma questão de maturação de capacidades que são relativamente fixas, desde que sujeitas às condições externas apropriadas (TAVARES, 1970, p. 24).

Uma grande análise sobre a linguagem é que Chomsky pensa que é um preconceito negar que aquilo que é óbvio para as habilidades físicas não pareça ser óbvio para as habilidades cognitivas. Esse raciocínio permite analisar a difusão desigual que acontece aos indivíduos. A condição que implica tudo isso está no fato de que cada indivíduo é um ser biológico, pois, se assim não fosse, poderia até ser instaurada a ideia de que o desempenho da atividade alcança uma proporção infinita, cuja inteligência humana nem pode determinar. Portanto, tem-se de forma



visível, por meio das afirmações de Chomsky, que essas limitações existem. Nessa perspectiva, a junção entre a capacidade de linguagem e sua relação com a inteligência humana deve mover a tarefa educacional na articulação mais adequada e otimizada desta (REIS, 2010).

O objetivo da educação, conforme tais parâmetros, deve ser o de ir além de tudo aquilo que possa parecer formal nas regras do gerativismo, e assim saber fazer a leitura daquilo que o estudo da linguagem é capaz de oferecer, principalmente o que se manifesta em um âmbito humano no sentido mais amplo. Com isso, o conhecimento pode ser posto em prática e não ficar restrito apenas ao aspecto formal. Diante dessa afirmação, pode-se perguntar a respeito dessa manifestação, que envolve o ser humano em um sentido integrado, com suas capacidades e limitações. Vale mais uma vez ressaltar que é um processo amplo e complexo, e, além disso, é preciso haver análise e observação continuadas.

Algo extremamente relevante é que em meio a esses limites do conhecimento, como já foi ressaltado, a busca da compreensão se ocupa da análise de um aprendizado que não é organizado e ocorre em um intervalo curto, e o amadurecimento da língua na criança acontece de modo inconsciente e incontrolável, isso porque os **princípios** são inatos. Por meio dessas condições descritas, há uma necessidade evidente de se realizar um trabalho bem próximo, fazendo uma análise observacional de cada indivíduo, sempre considerando que as capacidades e limites são individuais, embora se tenha em pauta o caráter de uma gramática universal. Esta quer apenas dizer que cada indivíduo é de linguagem e para a linguagem, tendo uma potência linguística fundamental que precisa ser desenvolvida. Esse processo de desenvolvimento, porém, não se dá de modo uniforme e simétrico em cada sujeito. Antes, depende de circunstâncias internas e externas.

Segundo o estudioso em questão:

[...] a estrutura de línguas particulares pode ser largamente determinada por fatores sobre os quais os indivíduos não possuem controle e cuja sociedade possui pouca escolha ou liberdade. Refletem, não tanto uma experiência de vida, mas sim o caráter geral da capacidade individual para adquirir conhecimento no sentido tradicional, as ideias e os princípios inatos de uma pessoa (CHOMSKY, 1978, p. 59).

A tarefa da educação, nesse processo, é ocupar-se de uma questão investigativa daquilo que não é nenhuma novidade no ser humano, porque é um fator inerente à sua constituição, que são a linguagem e a cognição. A ferramenta de conhecimento e de ação da própria tarefa educativa deve ser um aprofundamento nesse processo de aprendizagem e de conhecimento.

Nessa perspectiva, Chomsky comunga da ideia defendida por Humboldt, qual seja: há dois níveis de existência da língua. Em um está toda forma manifestada, no outro a estrutura profunda que irá revelar uma forma de linguagem comum subjacente às diferenças sociais e individuais. Esses níveis são a causa dos limites que existem tanto no desenvolvimento do conhecimento linguístico, quanto na capacidade de abstração e desenvolvimento das faculdades cognitivas e intelectuais em geral (TAVARES, 1970).

Destarte, é mergulhando no conhecimento da linguagem - do que ela é e de como funciona - que se chegará a um saber substancial e sensato, pois é nesse conhecimento que o homem se encontra com suas capacidades, limites e possibilidades. Esse processo de compreensão da Teoria da Geratividade e dos conceitos chomskyanos permitirá, a princípio, conduzir a ação educativa em sua complexa e ampla tarefa, visando sempre a qualidade na sua práxis.

### 3 A EDUCAÇÃO QUE INVESTE

Nesta seção, será apresentado o fio condutor que indicará o modo de se realizar o investimento na educação, à luz de importantes conceitos próprios do pensamento chomskyano. Também será feita uma abordagem da História da Filosofia, a partir de Platão e Descartes, cujos pensamentos têm grande relevância em Chomsky. Por último, a apresentação de uma gestão educacional pensada no limiar da Competência.

#### 3.1 INVESTIR A PARTIR DOS CONCEITOS DESEMPENHO E COMPETÊNCIA

Quando há a pressuposição de que é possível investir em algo, deve ser apresentado o recurso para tal investimento. O recurso de imediato seria o conhecimento e a habilidade. Chomsky (2005) introduz a temática desses dois importantes conceitos afirmando que a constante *k* (do inglês *knowledge*) do conhecimento se mantém; o que é alterada é a habilidade de colocar o conhecimento em uso, como, por exemplo, falar e entender. Nesse sentido, a habilidade pode se concretizar melhor ou pior. A competência é um elemento cognitivo irreduzível, que irá mostrar-se produtivo ou improdutivo. Esses aspectos do conhecimento e da aquisição da linguagem se evidenciam na prática educacional, daí a necessidade da descrição minuciosa de cada um desses conceitos.

Quando a psicologia do comportamento foi aplicada à educação, houve uma limitação ao conceito do que é aprendido (CHOMSKY, 2009). Aqui se tem em vista um horizonte que caminha além dos conceitos de comportamento e aprendizagem atrelados ao behaviorismo, ou seja, uma noção de competência fica além dos limites conceituais da teoria psicológica behaviorista.

Desse horizonte mais amplo, Wilhelm von Humboldt (1767-1835) assegura o argumento quando se refere à variedade de línguas e à associação de diversas estruturas de linguagem, nas quais ele afirma que, subjacente a qualquer língua humana, se descobre um sistema universal que irá expressar os atributos intelectuais exclusivos do homem. Dessa forma, ele mantém a ideia racionalista da linguagem de que ela não é aprendida, não é ensinada, mas se desenvolve a partir de dentro (CHOMSKY, 2009). Nesse sentido, um ponto muito importante que é destacado no pensamento chomskyano é que o desenvolvimento é predeterminado

quando existem as condições ambientais adequadas. Dessa forma, de acordo com o filósofo:

Não se pode realmente ensinar uma primeira língua, argumentou ele, mas apenas “oferecer o fio ao longo do qual ela se desenvolverá por si mesma”, por processos mais próximos do amadurecimento do que do aprendizado (CHOMSKY, 2009, p. 138, grifo do autor).

Vale ressaltar, antes de os conceitos serem apresentados, que, no sentido técnico, a teoria linguística é mentalista na medida em que vai procurar perscrutar uma realidade mental que está subjacente ao conhecimento que se opera. O autor dá certa primazia ao conceito de competência, pois é através desse conceito que se desenrola toda a sua teoria Gerativa. A **competência**<sup>3</sup> é, nesse sentido, o cerne de toda a teoria. A competência envolve todo o campo do conhecimento inato, de toda a dotação biológica. Chomsky somente realiza sua pesquisa e abordagem sobre o **desempenho** por meio do arcabouço teórico básico da Competência. Para estudar o desempenho linguístico, é preciso considerar vários fatores que se interagem, sendo a competência do falante-ouvinte um deles. Devido à competência linguística é que a gramática particular é completada por uma gramática universal, pois esta permite alcançar a Competência do falante-ouvinte. Há dois níveis, individual e social que se relacionam, em que a gramática particular sem a universal não seria capaz de existir. A competência envolve a gramática particular, por isso quando uma é atingida, a outra também é.

Antes de apresentar os detalhes dos dois conceitos já citados até o momento, faz-se necessário voltar à ideia de teoria Gerativa ou Generativa. Em primeiro lugar, esta teoria pode ser considerada um sistema de regras de uma língua, o qual é dominado e interiorizado, e contém todo o conhecimento de sua língua. O objeto dessa gramática são os processos mentais que estão a um nível mais elevado que a própria consciência do sujeito. Nessa questão, a teoria Gerativa vai especificar aquilo que o falante ou sujeito sabe de forma efetiva e não aquilo que ele possa informar acerca do seu conhecimento.

---

<sup>3</sup> Na sua pesquisa, Noam Chomsky encara a competência como paradigma que possui a necessidade de ser muito bem explicitado, apoiando-se em tudo aquilo que a linguagem é capaz de evidenciar. Nessa proposta ele não deixa de enfatizar a relação em comum e ao mesmo tempo a habilidade que há entre os seres humanos com a sua capacidade de usar meios finitos para finalidades infinitas e assim ter o domínio de toda a sua vida nas diversas dimensões, claro que de formas limitadas (CHOMSKY, 2009).

Nesse contexto, entra o papel da competência, a qual reúne todo o conhecimento da língua que fornece a base para o uso efetivo posterior do falante-ouvinte. Há uma descrição estrutural que, nesse caso, não envolve o uso prático ou técnico do sujeito, mas sim aquilo que já é de forma inata. Portanto, a competência é a base e condição de possibilidade para que o desempenho exista e aconteça.

O autor justifica o destaque que ele emprega ao estudo da competência e afirma que o aspecto criativo é o que todas as línguas têm em comum. Através desse importante fator da criatividade, que é a habilidade gerativa, é que as línguas, nas suas particularidades, são capazes de fornecer meios para se expressarem de forma indefinida muitos pensamentos e para reagir a diversas situações novas (CHOMSKY, 1978).

As gramáticas estruturalistas e tradicionais podem ser consideradas superficiais pelo fato de não tocarem nas regularidades profundas que compõem a habilidade ou capacidade criativa dos falantes. Por isso, a Teoria Gerativa é considerada uma grande pioneira e revolucionária na busca pela descrição profunda e explicativa sobre a Competência linguística. Caberia a seguinte questão: por que tais gramáticas ou teorias deram lugar a uma nova teoria, nesse caso a Teoria Gerativa? Porque essas teorias não consideram a universalidade da linguagem presente na estrutura linguística e, depois, a crença de que existe uma ordem natural dos pensamentos que se expressa na ordem das palavras, pois:

Essa questão toca no problema de se misturar o estudo científico da língua com convenções culturais associadas às belas letras e a uma suposta naturalização da concepção do belo, como refletindo a gramática correta. Ou seja, o belo falar refletiria o correto falar. Como exemplo disso, o autor alude a escritos da época do Iluminismo francês, quando estudos sobre a língua francesa e do uso figurativo da língua serviram para justificar as regras prescritas para o uso correto gramatical da língua (CAETANO, 2019, p. 60).

Essa visão ingênua, segundo a concepção inatista a respeito da estrutura da língua, ainda persiste nos tempos modernos, em que predomina certa crença na ordem dos pensamentos, como já foi apresentado, razão pela qual muitas teorias fracassaram, como, por exemplo, o **estruturalismo norte-americano**<sup>4</sup>. A grande novidade da linguística contemporânea é a liberdade na sua construção, ou seja,

<sup>4</sup> O estruturalismo norte americano surgiu por meio da investigação das línguas indígenas norte-americanas. Sua tarefa essencial é a descrição das regras gramaticais extraídas dos dados da língua. Caracterizado fundamentalmente pelo empirismo e indução radical (GLENDA, 2008).

poder abordar seu objeto de estudo de uma maneira livre de compromissos com as ideias tradicionais. Na gramática tradicional há a preocupação em dar atenção exclusiva à linguagem escrita, em detrimento da linguagem falada, ignorando o que cada uma delas possui de específico. A linguagem falada era abandonada, em certo sentido, por ser considerada uma cópia imperfeita da linguagem escrita. Na contemporaneidade os linguistas assumem que a linguagem formal é derivação da falada, e assim se evidencia que é exatamente no conjunto dos sons, que são os órgãos da fala, que, de fato, a linguagem está envolvida. Enquanto o modelo tradicional se desenvolveu tendo por base o modelo de análise do grego e do latim sem muitas reformulações, o que se tem na contemporaneidade é uma teoria gramatical mais geral que a tradicional. A grande ruptura que ocorreu foi a descrição da língua na gramática gerativa de forma excepcionalmente profunda e precisa a respeito da linguagem humana, ocupando-se de uma dimensão basicamente universal (CAETANO, 2019).

Um conceito que está intrinsecamente associado à noção de Competência é a **Gramaticalidade**. Esse conceito é um modo de analisar e avaliar como os falantes percebem e são capazes de interpretar a linguagem naturalmente. O critério utilizado é válido para uso da língua feito por falantes nativos. **Gramaticalidade** é sinônimo de formalidade da teoria Gerativa, que explicita a estrutura dos constituintes linguísticos. A Gramaticalidade está num grau superior, pois participa da primazia da Competência. A pesquisa que Chomsky realiza posteriormente sobre desempenho é originária do fio condutor iniciado por meio da Competência.

É de suma importância para o programa de pesquisa de Chomsky essa evidência da distinção entre os conceitos de Competência e desempenho, ao mesmo tempo em que ele deixa bem claro nos seus escritos que os dois estão interconectados. A conceituação de desempenho implica diretamente uma abordagem da noção de aceitabilidade. Enquanto a Gramaticalidade está intrinsecamente conectada à noção de Competência, a aceitabilidade conecta-se ao desempenho. Pode-se ilustrar a noção de aceitabilidade pelo seguinte exemplo: (a) considero inteligente o rapaz que fez esta intervenção brilhante; (b) considero o rapaz que fez esta intervenção brilhante inteligente (CHOMSKY, 1978). A segunda frase é nitidamente menos aceitável do que a primeira. Essas frases, apesar de gramaticais, na grande maioria das vezes, não podem ser utilizadas, isso se deve pelas limitações de memória, pelos fatores estilísticos e de entonação, os quais

indicam a tendência de se colocar alguns elementos em certa ordem, conforme a organização do discurso na mente.

Em seu programa de pesquisa, o autor volta o seu olhar para o falante-ouvinte ideal, inserido em uma comunidade homogênea. Esse falante possui o conhecimento da língua e tal conhecimento será expresso por meio da competência, conceituada anteriormente. Em meio a tudo isso, existe um conceito que até o momento não foi mencionado, que é o **desempenho**. Ele concretiza todo o conhecimento adquirido a partir da competência, além de ser um conjunto de imposições que limitam o uso desta. Nesse sentido, os fatores é que serão obstáculos para o conhecimento.

Alguns dados não podem ser considerados tão relevantes ou possuidores de um grande valor, principalmente quando se servem apenas à comunicação e não ao pensamento. Em Chomsky (1978), lê-se a elucidação de que o conhecimento da língua é superior e capaz de superar fenômenos como disposição no contexto vivenciado e ambiente. Os fenômenos podem variar e contribuir com algumas características, porém não afeta a essência da língua. O linguista possui o papel de estabelecer a teoria, com os princípios e regras que irão regular o saber implícito do falante quanto à sua própria língua. Tais regras não são uma novidade nem algo estranho, mas o que de fato foi internalizado ao longo do aprendizado da língua, correlacionado à competência inata e que regula o desempenho linguístico.

É de suma importância ressaltar que o intuito da linguagem não se reduz apenas à comunicação:

Desse modo, exceto pelos discursos padrão, como cumprimentos diários, linguagem técnica (jargões específicos) ou expressões fixas e ritualísticas, as frases produzidas pelas pessoas são geralmente novas e não são, geralmente, determinadas pelas circunstâncias que cercam os proferimentos. E, ainda assim, pessoas fazem contribuições coerentes e apropriadas durante o desempenho de quaisquer tarefas cognitivas que estejam envolvidas (GLENDAY, 2008, p. 46, grifo do autor).

O uso da linguagem está presente em vários momentos cotidianos da vida humana e é sempre inovador, buscando coerência e racionalidade no sentido de adequação. A propriedade e a riqueza que a Competência possui são infinitas. Esta é capaz de oferecer aos falantes inúmeras perspectivas cognitivas com a função de iluminar as ações com maneiras de articular objetivos e estratégias, tornando-se, assim, um ato criativo ao resolver problemas de todos os tipos. A linguagem age de

modo crucial no pensamento, na ação e nas relações sociais. As crianças nativas de uma determinada língua têm a capacidade de produzir ou até mesmo realizar a compreensão de frases que nunca ouviram ou disseram anteriormente em alguma ocasião. Esse domínio criativo é exercido de maneira inconsciente e irrefletido (GLENDA, 2008).

### 3.2 CRIATIVIDADE LINGUÍSTICA E FILOSOFIA

Chomsky afirma que é por meio do estudo da linguagem que se chega ao conhecimento da natureza humana. Essa ciência da linguagem não somente oferece o acesso às realidades mentais, como também é propriedade exclusiva e privilégio do homem. A criatividade pertence a essa propriedade e é uma característica bem evidente do pensamento e ações humanas.

O problema da criatividade linguística é considerado por Chomsky como uma questão que remete a Descartes (2017), que aborda ser possível construir um **autômato**<sup>5</sup> que possa reproduzir movimentos, palavras e sons como um humano. O filósofo francês indaga, nessa linha de pensamento, se mesmo os autômatos poderiam ser comparados aos humanos, caso possuíssem as mesmas habilidades. Também acredita em dois meios que assegurariam que esse objeto não pode ser comparado ao homem. A primeira objeção é que um autômato não seria capaz de usar as palavras nem símbolos para expressar seus pensamentos para outros seres, do modo como é realizado pelo homem. Por mais que o autômato consiga fazer de forma adequada arranjos com palavras, jamais conseguirá elaborar respostas para perguntas feitas por um homem. A segunda objeção é que os autômatos não são movidos pelo conhecimento e pela consciência, mesmo podendo realizar coisas que o ser humano não fosse capaz ou tivesse alguma dificuldade.

É impossível que uma máquina contenha partes diversas de modo que a faça agir em todas as ocorrências da vida de tal modo como a razão nos faz agir (DESCARTES, 2017). Fica bem clara a diferença entre homens e animais. Animais, como papagaios e outros pássaros, possuem um aparelho fonador que os torna capaz de responder aos estímulos que recebem. Os homens pelo contrário, mesmo quando não possuem os órgãos da fala, são capazes de criar símbolos e formas

---

<sup>5</sup> Máquina que imita o movimento de um corpo animado. Pode ser um robô, por exemplo.



para expressarem seus pensamentos. Uma analogia pode ser feita com um relógio, dispositivo projetado para informar as horas de um modo eficiente, o que nenhum ser humano é capaz. Contudo, essa máquina é projetada para responder somente aos *inputs* que recebe, enquanto que o ser humano opera com uma infinidade de correlações de *inputs* e *outputs* em um aspecto indefinido de situações novas e surpreendentes. Tal condição propriamente humana caracteriza o que aqui se chama de criatividade linguística.

Três pontos são considerados de extrema relevância quando a questão é o problema da criatividade linguística ou problema de Descartes. Em primeiro lugar, para Descartes, falantes podem responder uma pergunta atendendo a um número infinito de respostas, de forma ilimitada, pois para cada resposta se constrói uma formulação de palavras diferentes. Esse processo pode bem ser realizado por um autômato, sem dificuldade. Até aqui não se tem a evidência da distinção entre o ser humano e uma máquina. Em segundo lugar, poderia haver a tentativa de averiguar a capacidade pensante dos computadores, isto é, se poderiam reagir de forma inteligente e apropriada às situações. Uma máquina que joga xadrez poderia, por exemplo, oferecer uma resposta coerente a cada vez que participasse de um jogo. Até hoje, nenhuma máquina do tipo deu uma resposta capaz de indicar que ela conseguiu se adaptar perfeitamente a uma nova situação em que foi submetida. Isso é o que afirma o cientista Alan Turing, segundo o comentário da estudiosa em linguística e filosofia: ainda que uma máquina não passasse em um teste, isso não seria suficiente para comprovar que ela tenha a mente como a dos humanos ou de qualquer tipo (GLENDA, 2008).

Em seguida, Chomsky usa a terminologia livre de estímulos que pode ser aplicada a frases. Pode-se afirmar que uma máquina é livre de estímulos? A resposta é negativa. Uma máquina nunca está livre dos estímulos externos e nunca poderá responder de forma livre aos estímulos, pois sempre haverá de recorrer aos recursos de sua memória e programação. Eis então a grande diferença existencial entre a máquina e o homem. Este é livre de estímulos, no sentido de que pode fazer a opção em responder ou não.

Segundo Descartes, para explicar a existência de uma ideia, é necessário recorrer ao princípio de causalidade, tanto numa realidade objetiva quanto numa formal. Para ele, a ideia enquanto efeito não deve de modo algum conter semelhança com sua causa. Pode-se utilizar, como exemplo, a ideia de árvore,

mesmo que essa ideia não corresponda à árvore realmente existente, nem por isso a primeira realidade é anulada, exigindo assim uma causa. Indo mais adiante, pode-se pensar em quando Descartes realiza a distinção entre os tipos de ideias. As ideias adventícias advêm de fora da mente pela experiência; as fictícias derivam de outras ideias; e, por fim, as ideias inatas, que não estão envolvidas com a experiência e existem no homem desde o seu nascimento. Mesmo os dois primeiros tipos de ideias citados também possuem um aspecto inato, pois o filósofo francês considera inata a disposição da mente em formular a ideia à medida que recebe as formas sensíveis (GLENDAY, 2010).

É muito plausível analisar o inatismo em um sentido estrito. Nesse aspecto a origem das ideias estaria independente do sujeito e do objeto, como as verdades sobre Deus e a matemática. Ao desenvolver suas meditações, Descartes precisa legitimar e provar que as realidades distintas do eu pensante realmente existem e, por isso, ele recorre à prova da existência de um Deus verdadeiro, mostrando que a única ideia que possui perfeição e formalidade é a ideia de Deus que ele possui em sua consciência. A causa dessa ideia específica seria o próprio Deus, pois a substância pensante, que é um ser finito, não teria ideia de uma substância infinita, se ela não tivesse sido colocada no intelecto do ser humano por uma substância infinita (DESCARTES, 2017). Seguindo o raciocínio geométrico do filósofo francês, tem-se que a noção do infinito precede à do finito, visto que este é fragmento ou parte do primeiro.

Na sexta parte das *Meditações Metafísicas*, é apresentada a tese de que os objetos da geometria e da matemática independem dos sentidos, isto é, da experiência. Elas significam alguma coisa e, assim, Descartes atribui origem inata às ideias da matemática, afirmando não perceber no espírito dele algo novo, mas sim algo que já existia (GLENDAY, 2008).

Essa referência ao expoente do cartesianismo se justifica pelo fato de que o inatismo exposto por ele foi a base para as principais ideias da Teoria da Geratividade. Então, pode-se afirmar que as raízes do pensamento chomskiano estão localizadas nessa linguística cartesiana. Contudo, na linha do tempo da história da filosofia, Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716) antecede Descartes na concepção de inatismo. Esse conceito é vinculado à liberdade que existe no sujeito.

Em meio a essa liberdade, uma criança num prazo bem curto já é capaz de dominar uma amostra mínima de conhecimento linguístico. Essa afirmação é a

grande ideia condutora que propicia a reflexão primordial, que é investir na educação tendo em vista os conceitos bases que são Competência e desempenho.

Chomsky também é influenciado e direcionado pelo pensamento platônico na sua pesquisa a respeito do conhecimento da linguagem. Vale ressaltar mais uma vez que a aprendizagem de uma língua acontece livre de estímulos a que o homem porventura poderia ser submetido. O ser humano aprende muito mais do que lhe foi ensinado, do que ouviu ou até mesmo visualizou.

Pode-se analisar a tese inatista e a criatividade linguística por meio de escritos de Platão, como no diálogo entre Sócrates e Mênon. Quando o filósofo norte-americano em sua teoria afirma existir a competência, é porque tem-se nitidamente que o conhecimento existe e pode ser buscado, não é uma aposta. Existe um conhecimento inato que garante e que impulsiona buscar algo mais substancial e aperfeiçoá-lo, isso pode ser observado no diálogo entre Sócrates e Mênon. Nesse diálogo, se encontra a tese de que é impossível buscar conhecer algo, nele o próprio Mênon é impossível desejar o conhecimento sobre a virtude ou qualquer outra coisa. A indagação é colocada diante da segurança de saber se realmente o conhecimento encontrado é exatamente o mesmo que foi buscado. Ora, ou bem já se conhece a coisa em questão e se tem a certeza quando a encontra, ou não faz sentido buscar o conhecimento do que já se tinha, pois logicamente não existiria (PLATÃO, 2001).

Diante desse dilema, Sócrates apresenta a ideia de um conhecimento vago, no qual introduz a tese inatista através de uma doutrina que preza por uma inspiração divina, em que o conhecimento não seria nada mais, nada menos que um processo de recordação. Segundo Sócrates, é possível transformar um saber até então vago num saber permanente, bem consolidado:

Pois também as opiniões que são verdadeiras, por tanto tempo quanto permaneçam, são uma bela coisa e produzem todos os bens. Só que não se dispõem a ficar muito tempo, mas fogem da alma do homem, de modo que não são de muito valor, até que alguém as encadeie por um cálculo de causa. E isso, amigo Mênon, é a reminiscência, como foi acordado entre nós nas coisas ditas anteriormente. E quando são encadeadas, em primeiro lugar, tornam-se ciências, em segundo lugar, estáveis. E é por isso que a ciência é de mais valor que a opinião correta, e é pelo encadeamento que a ciência difere da opinião correta (PLATÃO, 2001, p. 102).

Essa passagem mostra que o processo de reconhecimento do conhecimento verdadeiro, já estava presente no ser humano, se torna claro por meio da

reminiscência. Desse modo, Sócrates não ensina, muito menos oferece estímulo a seu interlocutor, mas apenas o faz chegar a uma resposta correta, relativa a um conhecimento preexistente na alma dele. Tal conhecimento independe de categorias como espaço e tempo, pois não se reduz a experiências, já que acontece *a priori*. As almas trazem esse saber inato das ideias ou essências universais como uma propriedade por elas carregada.

Chomsky, em *Managua Lectures*<sup>6</sup>, faz referência ao *Mênon*, dizendo a respeito do conhecimento inato sobre a matemática e a geometria que deve ser formulado de uma maneira mais geral. Deve haver um questionamento sobre a capacidade do ser humano de deter tanto conhecimento, mesmo sendo sua presença no mundo tão limitada, pessoal e breve (GLENDAY, 2008). Em relação à premissa metafísica da imortalidade da alma, inclusa na tese inatista platônica para justificar a preexistência do conhecimento, Chomsky a reinterpreta nos moldes contemporâneos por meio de seu argumento da dotação biológica.

Até o momento, foram registrados no presente item os fundamentos filosóficos que embasaram a teoria linguística de Chomsky. Este, auxiliado por todo arcabouço teórico da história da filosofia, mais especificamente pelo inatismo de Platão e de Descartes, teve os instrumentos necessários para pensar seu próprio inatismo de uma maneira ressignificada dos padrões metafísicos da história da filosofia, refletido numa disposição de uma linguagem inata e universal. Por meio desses fundamentos, pode-se entender o crescimento e a origem do pensamento filosófico de Chomsky, e onde estão enraizados os conceitos de Competência e desempenho que foram explorados anteriormente.

Depois dessas reflexões, pode-se investigar como realizar, na concretude dos fundamentos, os investimentos na educação. Para investir em qualquer coisa, é preciso conhecer o objeto do investimento (o ser humano com suas peculiaridades e propriedades que o diferenciam dos autômatos, por exemplo) que o receberá, bem como os instrumentos a serem utilizados para tanto, que, no caso, são toda a fundamentação e os conceitos.

---

<sup>6</sup> Uma de suas palestras que ele menciona o Problema de Platão.

### 3.3 GESTÃO EDUCACIONAL E COMPETÊNCIA

O ser humano não é capaz de desempenhar um tipo de conhecimento e este permanecer isolado, pois ninguém busca conhecer algo somente para si mesmo. Há uma rede de relações que envolvem os indivíduos e os fazem interagir. É capaz de afetar e ser afetado de inúmeras formas. Por isso a Competência existe para o uso individual e o meio social, seja no espaço educativo, nas famílias e na sociedade de modo geral. Dessa forma:

[...] o termo competência<sup>7</sup> (do latim *competentia*, “proporção”, justa relação, significa aptidão, idoneidade, faculdade que a pessoa tem para apreciar ou resolver um assunto) terá surgido pela primeira vez na língua francesa, no século XV, designando a legitimidade e a autoridade das instituições (por exemplo, o tribunal) para tratar de determinados problemas. No século XVIII amplia-se o seu significado para o nível individual, designando a capacidade devida ao saber e à experiência (DIAS, 2010, p. 74, grifo do autor).

Nesse ponto, pode ser feito o seguinte questionamento: gestão de quê e para quê? Quais são o objeto e os objetivos dessa gestão? Em primeiro lugar, considerar que a educação é uma forma de intervenção no mundo, a qual precisa de sujeitos para aprender e agir e de contextos específicos para tanto. Dessa forma, exige a mobilização de recursos individuais para que limites e desafios sejam superados e o processo ocorra com melhor qualidade. O investimento visa ao melhor desempenho e é para isso que há a gestão. Nesse sentido, a competência terá possibilidade de ser trabalhada na melhor condição possível a partir do educando.

Quando se analisa a educação a partir do espaço escolar, o que foi visto então como capacidade inata deve ser analisado para que esses recursos, saberes e conhecimentos possam ser vivenciados. Nunca devem ser aplicados de uma maneira desigual, mas entendendo os limites do educando e do meio em que ele se encontra, para que as ações sejam eficazes. Estas podem ser caracterizadas como complexas, imprevisíveis, mutáveis e, na maioria das vezes, singulares (BOTERF, 2003 apud DIAS, 2010). Levando em consideração que a competência já exista no educando, ou seja, não vai ser construído, o essencial a ser refletido é como realizar a mudança qualitativa do desempenho do educando a partir de sua Competência inata.

---

<sup>7</sup> O termo em inglês usado por Chomsky, *competence*, também deriva do latim, assim como o termo em português.

O desempenho possui uma característica que é essencial para a gestão que se propõe realizar: é observável. Devem ser observados o agir eficiente, a atenção, a interação com o conhecimento que é transmitido em sala de aula ou, até mesmo, no ambiente familiar, quando se aprendem as primeiras palavras, as cores, os sons. A resposta observável é fruto do pensamento, ação e apreciação do sujeito. É preciso abertura e interação para que exista um retorno. O educando pode apresentar dificuldades, porém estas devem ser sanadas ao longo do tempo, tendo em vista o horizonte da capacidade e realização concreta daquilo que está ao alcance de suas capacidades cognitivas.

A competência não é de natureza meramente cognitivo-intelectual, mas acolhe um conjunto de valores, atitudes e amplos saberes. Pode ser descrita como uma ação concomitantemente cognitiva, afetiva e social a qual se torna visível em práticas e ações do conhecimento em si mesmo, sobre o outro e diante da realidade (ALVES, 2005 apud DIAS, 2010). Nisso consiste o sentido e o motivo de se observar o desempenho.

Podem-se enumerar três componentes básicos a serem analisados: o saber-saber, o saber-fazer e o saber-ser (CRUZ, 2001 apud DIAS, 2010). Em primeiro lugar, esse saber-saber pode significar a importante distinção que deve ser feita das duas características da competência, enquanto propriedade e marca do sujeito que conhece e como atitude praticada por meio do desempenho, nas quais se evidenciam os diferentes níveis de aprendizagem e desenvolvimento. O desempenho não está isolado da competência, muito menos pode ser considerado distante. Em segundo lugar, deve-se enfatizar que a competência é sempre possibilidade de ação; daí o saber-fazer. O conhecimento ainda se encontra em potência quando se refere à competência, para posteriormente passar ao estágio de ato. Em terceiro lugar, o saber-ser significa a atuação qualitativa do educando frente a contexto(s) singular(es).

Pode-se referir ao desempenho como espaço de mobilização de todo o conhecimento e dos recursos, do mesmo modo que já foram utilizados em outras situações e podem ser usados em uma nova, mesmo que de uma forma modificada. Por isso, a competência é sempre completa, embora nem sempre se consiga explorá-la da melhor forma possível. É importante trabalhar com uma perspectiva de consciência da competência, pois a mesma existe e está presente na atividade interna e externa do educando, devendo ser desenvolvida e explorada.

As ações gestoras do processo educativo, frente às realidades competência x desempenho, devem ocupar-se não somente do ambiente escolar, quando é o caso, mas também do ambiente familiar. Nesses dois ambientes, de forma especial, é que os progressos do conhecimento e da personalidade acontecem. É justamente nesses dois espaços que experiências significativas são vivenciadas de modo mais direcionado. Nesses espaços as funções intelectuais se expressam em seus mais variados níveis.

Quando se aborda a competência focando na educação escolar, há uma mudança do ofício de seus intervenientes, por meio de um sentido novo inserido através de diretrizes que possibilitarão ao educando envolver-se de forma bem ativa. O docente deve ser aquele que incentiva projetos, analisa o sujeito, busca o conhecimento situado em um contexto e avalia, posteriormente, as ações administradas.

Nas sociedades desenvolvidas e fortemente escolarizadas, a maioria significativa dos alunos vai à escola, porém uma parte deles não se apropria de forma sólida dos saberes básicos. Para analisar tal realidade, podem-se lançar mão de duas ideias, a saber: **gênese** e **uso** (DOLZ; OLLAGNIER, 2004). A primeira delas afirma que o conhecimento desempenhado é uma construção, pois envolve saberes que são reunidos durante certo tempo por meio de diferentes atividades. No interior do sujeito, o conhecimento permanece e pode ser utilizado em várias circunstâncias da vida cotidiana. Pode ser recordado, ampliado, adaptado, reelaborado, ressignificado. Para todo esse processo acontecer, o conhecimento precisa surgir, ser concebido, ou seja, ter sua gênese. O conhecimento é apoiado no princípio do inatismo, só se expressa através da sua fonte, isto é, do sujeito que conhece. Nesse contexto existe uma tríade: base inata, fonte e transferência do conhecimento. Essa é apenas uma visão pedagógica, pois a tríade se concentra em uma mesma pessoa. Por isso:

Quando abordamos uma nova situação, as situações em que construímos os recursos utilizados provêm do passado. Nossos conhecimentos não “residem” em experiências que contribuíram com a sua gênese. Elas residem em nosso cérebro, talvez sob a forma de redes neurônicas complexas, e não sob a forma de pequenas gavetas bem-arrumadas (DOLZ; OLLAGNIER, 2004, p. 53, grifo do autor).

A segunda ideia é o uso feito do conhecimento e, mais substancialmente, da competência em si. Nem sempre o conhecimento é utilizado em situação de formação. Ele pode estar presente em uma tarefa, ligado a um contexto e ser descontextualizado depois, devido ao fato de perder o vínculo da memória de uma situação concreta. Porém, esse mesmo conhecimento descontextualizado pode ser mobilizado posteriormente.

Nesse sentido, a gestão mental e os diversos métodos da educação pretendem realizar um ajustamento no sujeito, para que o mesmo tome consciência e assim seja levado a dominar melhor seus mecanismos de pensamento e recursos cognitivos (WEIL, 2019). Para isso, é imprescindível a presença de um bom líder, capaz de possibilitar o momento e o espaço ideais para a realização de tal objetivo. Esse papel de liderança não deve ser exercido somente pelos professores, mas por todos os responsáveis.

Dessa forma, esse processo de promover o outro por meio do conhecimento é permeado pelas relações humanas sendo baseadas pela atenção, observações e sinergia. Contudo, quanto às disciplinas, é preciso observar o educando e ter as condições de detectar fatores que podem ocasionar o não desenvolvimento em algum tema específico. Tais fatores podem ser internos ou externos e, por isso, a importância da conexão entre professores e responsáveis<sup>8</sup>, quanto ao cultivo no educando do senso de responsabilidade, do hábito de trabalhar em grupo, do gosto pela pesquisa e pela objetividade científica. Para isso, as aulas verbais e os discursos são pormenores que devem ser otimizados, pois já fazem parte da função ordinária do educador e podem ser vistos com um olhar especial (WEIL, 2019).

Tanto no papel dos responsáveis, como no dos professores, uma atitude deve ser comum: a presença que age diante dos pontos positivos e negativos do aprendizado do educando. O papel dos responsáveis é fomentar uma relação saudável com a escola e com os professores, acompanhar o rendimento ao longo de todo o período letivo e estimular os educandos a desenvolverem conhecimentos transversais em situações do cotidiano. Não devem perder de vista o conhecimento integrado em uma disciplina, considerando o relevante fator que para muitas atividades é necessário mobilizar diferentes conhecimentos disciplinares. É

---

<sup>8</sup> São aqueles que estão envolvidos na tarefa educativa, exceto os professores e educandos.



importante também observar, de uma forma bem próxima, como o indivíduo constrói o conhecimento, estando vinculado a uma práxis individual e coletiva.

Até aqui se observam duas noções de competência que se entrelaçam nesse processo fortemente necessário de gestão: a competência do conhecimento linguístico e a competência que poderia receber o adjetivo externa. Não são duas competências distintas. Portanto, trata-se da arte de gerir a competência que se encontra no indivíduo. É necessário impulsionar essa capacidade referente ao inatismo biológico, conhecendo as particularidades de cada um, com os pontos positivos e negativos de aprendizagem, que expressam o que cada um traz consigo. Trata-se de combater uma marginalização que pode ocorrer no processo de desempenho do conhecimento, de modo amplo, extrapolando até mesmo as questões linguísticas.

É importante salientar que gerir a Competência em pessoas é tarefa singular e um desafio constante. Envolve a competência comum, como foi trabalhado, porém há um estado próprio de ser da competência em cada educando que exige muita atenção e investimento. O processo não termina de forma simples, já que faz-se necessário avaliar, rever, repensar o processo gestor que se projeta realizar. Não se está operando máquinas, e sim seres capazes de buscar o conhecimento, de ensinar e desenvolver inúmeras potencialidades.

## 4 A EDUCAÇÃO QUE AVALIA E REVÊ

Para avaliar qualquer contexto ou situação deve-se ter um critério de pensamento, ou melhor, um fundamento para se orientar. A ação educativa necessita ser compreendida na profundidade de onde ela acontece e, principalmente, o que e quem ela envolve.

### 4.1 AVALIAR A PARTIR DO CONCEITO DE NATUREZA HUMANA

Não é suficiente apenas conhecer e investir. A educação possui uma tríplice tarefa de conhecer, investir e avaliar. Um ponto importante ao avaliar todo o processo pensado e refletido até então é ocupar-se das pessoas como indivíduos e, ao mesmo tempo, como seres sociais, culturais e institucionais. Esse avaliar e rever sugere refletir a respeito de tudo aquilo que garante ou não o desenvolvimento humano na sua diversidade. Existem instituições que restringem o desenvolvimento humano, marginalizando assim o acesso àquilo que se pode denominar bem comum do conhecimento. Há difusão desigual do conhecimento que ocorre no exercício do desempenho de cada indivíduo, analisado em um contexto social. Chomsky (2018) recorda a crítica aguda de Adam Smith (1723-1790) sobre a divisão do trabalho, que afirma que a compreensão possuída pela maioria dos homens é formada por seus usos cotidianos. Por isso:

A preocupação com o bem comum deveria nos impedir de buscar formas de superar o impacto maligno dessas políticas desastrosas, do sistema educacional às condições de trabalho, proporcionando oportunidades para que se exerça o entendimento e se cultive o desenvolvimento humano na mais rica diversidade (CHOMSKY, 2018, p. 95).

Vale ressaltar que o foco da reflexão começa a partir do conhecimento inato da linguagem, mas amplia seus horizontes desenvolvendo uma reflexão acerca do conhecimento de modo geral, tudo o que, de certa forma, favorece ou corrompe o desempenho de tal conhecimento.

Em grande parte de sua obra, Chomsky se volta para o ser humano em primeiro lugar sob uma perspectiva individual, envolvendo, assim, os aspectos cognitivos da natureza humana. Mas os seres humanos são seres sociais e o tipo de pessoa que ele se torna, depende do tipo de arranjo social em que ele se insere ao

longo de sua vida. Destarte, faz-se necessário analisar e investigar os arranjos, pois estes dizem muito de tudo o que acontece com o desenvolvimento individual e coletivo dos educandos.

O filósofo norte-americano investiga um pouco a respeito do liberalismo clássico, que possui, por princípios fundadores, os ideais iluministas. O Iluminismo foi uma revolução intelectual que teve seu início na Europa, especialmente na França, no século XVIII, influenciando a ascensão da burguesia. Esse movimento buscava uma explicação racional para todas as coisas, rompendo, até mesmo, com paradigmas tradicionais. Era composto por filósofos, economistas e pensadores políticos que tinham por objetivo analisar a sociedade à luz da razão. A proposta desse grupo era uma nova sociedade baseada na igualdade e na liberdade fundamental de todos os homens. Uma dentre as várias ideias que os iluministas defendiam é a de que o homem é produto do meio em que vive, da sociedade e da educação (SCHNEEBERGER, 2009). Os ideais Iluministas influenciaram alguns desdobramentos no **liberalismo clássico**<sup>9</sup>, movimento que possuía aspirações humanistas.

A linguística, isolada em si mesma, não pode oferecer uma base profunda e substancial para a política. Pode, porém, fornecer elementos para a reflexão sobre a natureza humana. Por que questionar a respeito da natureza humana? Em primeiro lugar, porque ela é mediadora de uma relação do ser humano dotado de um pensamento e de uma linguagem, que é capaz de exercer a política na sociedade, e muito mais do que isso, estar situado nesta última. Chomsky julga ser muito importante apresentar a linguagem para além da técnica, por isso a necessidade de falar da natureza da linguagem.

A investigação e a reflexão sobre a natureza humana partem de uma abordagem genérica das capacidades cognitivas (REIS, 2010). Isso pode tornar-se mais evidente quando se volta o olhar para a capacidade de linguagem que há no ser humano e assim, por meio dessa realidade, indicar um âmbito da ação humana como manifestação de um universo intelectual mais vasto.

Nesse sentido, pode-se caracterizar essa **natureza humana** com importantes ideias retiradas de um debate ocorrido entre Chomsky e Michel Foucault (1926-1984) promovido por uma emissora de televisão holandesa em 1971, a partir de um

---

<sup>9</sup> Teoria política e social que promove a liberdade individual, por meio dos direitos civis.

ponto de vista epistemológico. Chomsky afirma que tal natureza é uma estrutura e que esta não se altera em diferentes culturas e períodos da história da humanidade (SOUTO, 2014). Na própria noção de ideias inatas existe uma hipótese genérica através da qual se pode pensar em princípios que se baseiam no lugar e no papel das pessoas que estão situadas em um mundo social, que necessitam de condições de trabalho e natureza, estrutura e ação humana. Enfim, tudo o que envolve a atividade humana e sua capacidade cognitiva diz muito de sua natureza. Os domínios do conhecimento estão vinculados à faculdade da linguagem e ambos se envolvem na natureza humana de modo uniforme.

Dessa forma, a natureza humana é o espaço que a linguagem possui para existir e firmar sua identidade. Nessa natureza a comunicação acontece: a compreensão e o sentido dos enunciados ganham sentido quando duas ou mais pessoas se interagem. A base inata que permite o conhecimento linguístico está apoiada em tal natureza. Chomsky diz que esse esquematismo, o qual torna possível realizar a inferência de um conhecimento complexo e intrincado por meio de informações e podem ser consideradas imparciais, é um dos elementos fundamentais da humanidade (SOUTO, 2014).

Chomsky apresenta uma ideia de que a capacidade de linguagem revela algo a mais sobre a inteligência humana. A linguagem espelharia as propriedades essenciais do espírito. A análise da linguagem pode suscitar, por meio de uma reflexão epistemológica, uma reflexão filosófica que se ramifica nos campos da ética, da filosofia política, da estética, podendo chegar a uma teoria social.

O conceito de natureza humana não pertence a uma abordagem técnica e formalizada, mas está ligado a tudo o que constitui a capacidade cognitiva humana. Assim, não há uma teoria científica para esse conceito, mas uma teoria à parte que o sustenta denominada **Teoria da Acessibilidade**, que permite uma abordagem, um caminho a se pensar no conceito de natureza humana. Esta afirma que o conhecimento da linguagem é muito rico e complexo, principalmente no que diz respeito à Gramática Universal, conforme mencionado na segunda seção deste trabalho.

Há um paradoxo em questão: ao mesmo tempo em que é um conhecimento rico e complexo, devem existir restrições, limitações que o ambiente, no qual o indivíduo se encontra, impõem ao sistema cognitivo dele. Dessa forma, o acesso ao conhecimento está estritamente ligado aos seus limites. Nesse sentido, antes de se

ater a restrições ambientais, é necessário pôr uma questão mais específica: há um conjunto de restrições recebidas biologicamente? É possível responder que sim, pois há uma condição de verdade. A **Teoria da Acessibilidade** pode ser mais ou menos estruturada (CHOMSKY, 2007).

Por meio da **Acessibilidade** é possível restringir ou especificar uma teoria considerada inteligível ou acessível. Essa inteligibilidade é o que permite à teoria estar próxima do ser humano. Existem propriedades abstratas que se projetam na linguagem, nesse sentido, uma teoria inteligível poderia explicar os aspectos sociais em que se vive. Chomsky postula a hipótese da existência de uma Gramática Universal das formas possíveis de interação social, já que sujeito encontra o seu lugar na sociedade, porque a mesma possui uma estrutura que permite ao sujeito lhe seguir e adaptar-se a ela.

Vale ressaltar que a **Acessibilidade** da natureza humana não é um domínio da ciência técnica. Pode-se ter acesso a um modelo de sociedade no qual seus indivíduos não conseguem viver como seres sociais realizados, uma sociedade que não corresponda às necessidades humanas. Por meio do estudo da linguagem, a natureza humana pode adquirir um conceito significativo. O conceito de natureza humana não está situado em uma dimensão metafísica, portanto, o objetivo é um estudo que corresponda à realidade e àquilo que o ser humano necessita enquanto membro de um corpo social.

Assim, pressupondo-se esse conceito, tem-se uma imagem nítida de que se está lidando com uma peça muito importante do arsenal filosófico de Chomsky (REIS, 2010). Pode-se caracterizá-lo como um conceito não técnico e inacabado, mas que pode ser assumido como um valor de verdade, pois os fundamentos estão em processo de organização. É possível questionar o que o estudo da linguagem sugere para refletir-se acerca da natureza humana. Portanto, nessa análise, o estudo da linguagem para a natureza humana é indicação imediata de que a ação humana está vinculada à capacidade de produzir, entender a fala, e permitir que o pensamento resulte em atividade. Isso não pode ser considerado um fator mecanizado e sim de ordem extremamente criadora.

Dessa maneira, há uma capacidade própria da faculdade da linguagem capaz de definir o conceito de natureza humana, o qual desempenha um papel não só na comunicação, como também na expressão do pensamento e na interação entre as pessoas. Essa capacidade própria é intrínseca a um conjunto de esquematismos e

princípios de organização que são inatos e orientam o comportamento social, intelectual e individual.

Esse conjunto de esquematismos não pode ser demonstrado através de mecanismos físicos. Chomsky, em sua pesquisa, apresenta conceitos organizadores por meio de uma teoria articulada de maneira precisa e que requer continuidade por meio do método dedutivo. O filósofo norte-americano desenvolve a teoria matemática da mente, permitindo aprofundar questões cruciais referentes ao conceito de natureza humana. O mais importante é que ele encontra respaldo na tradição científica, com sua postura teórica, ao postular a respeito da natureza humana, contando com o auxílio da Teoria da Acessibilidade (REIS, 2010).

Abordar todos esses conceitos e novidades da pesquisa de Chomsky é essencial, pois, mais uma vez, se depara com o objeto dessa avaliação, o ser humano com todas as suas complexidades a serem investigadas. Avaliar o desempenho dentro de uma instituição provoca uma reflexão sobre como o desenvolvimento humano ocorre. Nesse contexto, pode-se retornar às origens do Iluminismo, cujo intuito é compreender tudo à luz da razão. Toda essa compreensão de mundo é estendida para os seres, individual e socialmente falando, por isso as instituições das quais os indivíduos fazem parte não escapam do tema da natureza humana.

Chomsky recupera o tema da natureza humana ao afirmar a existência de uma criatividade intrínseca em cada indivíduo que, muitas vezes, é escondida pelas instituições coercitivas (SOUTO, 2014). Ele enxerga a sociedade com o papel de aumentar e favorecer as possibilidades para que essa característica fundamental do ser humano aconteça de forma concreta. Dessa forma, a finalidade da sociedade deve ser a de efetivar a justiça, exercendo a sua autenticidade. Somente a justiça poderá abranger a profundidade do sentido do tema natureza humana.

Pensar o homem e sua natureza, descobrindo novas formas e condições, exige uma mudança na forma de pensar da sociedade. E mais ainda, se faz sentido abordar a temática sobre a natureza humana quando há um projeto político para a realização dessas novas formas, ela deve ser pressuposta. Por isso:

É ao dizer que a dominação de uma classe sobre a outra impede que a criatividade inata do ser humano ecloda, e que a luta de classes é necessária porque é o meio através do qual a classe dominada por fim a dominação e libertará assim as potencialidades fundamentais do homem,

que Chomsky necessita do conceito de natureza humana, articulado a intervenções imediatamente políticas (SOUTO, 2014, p. 83).

Dessa forma, fica bem evidente o motivo da existência de uma difusão desigual do conhecimento, como já foi abordado anteriormente. Nas relações humanas há estruturas de hierarquia que restringem o desenvolvimento humano em suas várias dimensões. Negar esse fator histórico-social seria ingenuidade, segundo o filósofo. Assumi-lo, ao contrário, é condição *sine qua non* para o efetivo desenvolvimento do desempenho linguístico, especificamente, e do conhecimento humano de modo geral.

O conceito de natureza humana é imprescindível para Chomsky também para fundamentar a legitimidade da luta de classes<sup>10</sup>, com o intuito de efetivar as potencialidades criativas dessa natureza (SOUTO, 2014). Já sobre esse aspecto mais político, o conceito de natureza humana permite indagar: qual é o desenvolvimento ideal das capacidades cognitivas que se pode esperar de um educando, quando a sociedade lhe oferece as melhores condições que são possíveis a ela, sem discriminações de status?

Em primeiro lugar, pode-se refletir a partir de uma ideia intrinsecamente ligada ao contexto discutido, que é a necessidade humana. O ser humano, com sua condição natural, situado em um meio social, apresenta necessidades de ordens diversas: habitação, alimentação, comunicação, formação integral. Todos os requisitos de que o ser humano necessita são garantidos na sociedade em suas várias instâncias. Tendo em vista todos esses fatores, pode-se avaliar onde o ser humano consegue assegurar o suprimento de suas necessidades e isso seria um primeiro passo para realizar uma avaliação de cunho bem qualitativo e capaz de abranger o ser humano na sua integridade.

Nem sempre os mecanismos sociais estão adequados para atender os indivíduos. A escola, muitas vezes, não possui uma infraestrutura que permite o acesso às tecnologias. As políticas de expansão e melhoria da qualidade da educação no país, especificamente, para o conjunto da população, bem como políticas direcionadas aos grupos sociais mais vulneráveis e discriminados como

---

<sup>10</sup> Definida por Marx como a força motriz da história humana, o combustível da mudança. A luta de classes seria o motor das mudanças sociais. Refletiria as diferenças materiais que se instauram no meio social. Assim como os comerciantes que ascenderam durante o período feudal para derrubar o poder da nobreza, a classe proletária, ou os trabalhadores também mudar as organizações sociais do mundo capitalista (BOMENY; MEDEIROS, 2010).

garantia do direito de todos à educação, não têm sido aplicadas de modo bem articulado (BORGES, 2013). Como potencializar a capacidade criadora de cada indivíduo em uma realidade social tão caótica?

Para iniciar uma resposta a esse questionamento tão complexo, é preciso rever os recursos utilizados na didática contemporânea, partindo da realidade existente. Esta deve realizar uma leitura crítica da prática social de ensinar, para que os desafios ganhem gradualmente soluções eficazes (BORGES, 2013).

A potencialidade criadora, desenvolvida nessa perspectiva social, como já foi abordado, envolve também os docentes. Há uma ligação estrita entre docentes e discentes que integram um mesmo ambiente e atividade. Isso se torna bem evidente ao se pensar na escola:

No caso da educação escolar, constatamos no mundo contemporâneo que ao crescimento quantitativo dos sistemas de ensino não tem correspondido a um resultado formativo (qualitativo) adequado às exigências das demandas sociais, o que coloca a importância de definir uma nova identidade para o professor (BORGES, 2013, p. 89, grifo do autor).

A identidade do professor deve ser construída a partir de uma revisão contínua de todos os significados e tradições. É de suma importância analisar não somente o processo de democratização da educação, mas também a permanência e o sucesso do educando, pois a escola precisa cumprir sua função social. Dessa forma, sua contribuição vai ser traduzida nas ferramentas de caráter histórico, matemático, científico, literário. No entanto, é preciso considerar cada aluno como resultado da multiplicação infinita das manifestações da natureza humana, por isso não cabe projetar uma realidade artificial.

É preciso voltar o olhar também à família, uma grande aliada da educação. Sem a participação da família, a escola não é capaz de cumprir com qualidade a sua função social. A gestão, que foi assunto tratado nas seções anteriores, só acontece efetivamente quando há proximidade das duas instituições. Há, dessa forma, a necessidade de se estabelecer um encontro de realidades: família e escola, docentes e discentes. O grande desafio educacional está em que existem ritmos e tempos diferentes para aprender, e diversas maneiras para ensinar. Embora se lide com o ser humano, com seus direitos de igualdade perante a lei, como fator coletivo ou universal, todos possuem uma identidade, peculiaridade, um caminho existencial diferente.



## 4.2 UMA REVISÃO SOBRE A AÇÃO HUMANA DIANTE DO QUE SE CONHECE

Há um projeto intelectual em Chomsky que demarca certos limites para a sua teoria social. Quando a natureza humana é abordada no pensamento filosófico dele, abre-se uma oportunidade de análise do plano concreto da vida e da realidade.

Uma visão que realmente ajude a sociedade deve estar inteiramente ligada à concepção de natureza humana, de tudo aquilo que é consensualmente bom para as pessoas, respeitando as necessidades e os direitos de todos. A concepção de natureza humana é subentendida, não é evidente na descrição, porém está sempre presente na realidade social. A ideia de que aspectos da inteligência possuem certa independência em relação aos estímulos, serve para revelar as limitações existentes nas formas de poder que são vinculadas à sociedade. O estímulo seria a necessidade do outro indivíduo, algo natural de ser observado.

As ações humanas estão associadas à capacidade intrínseca de entender e produzir fala livremente. Dessa forma, a aprendizagem não é a reprodução de forma mecânica do que é ensinado, e sim de algo concreto. Por isso o conceito de natureza humana ocupa uma centralidade na vida devido à linguagem (REIS, 2010).

As ideias políticas e científicas de Chomsky nascem da indagação pelo que é a linguagem e, ao mesmo tempo, pelo que é o ser humano. Nesse sentido, ele traça elementos fundamentais da natureza humana, tais como: trabalho criativo e investigação criativa. O conceito de natureza humana permeia as ideias políticas e linguísticas, por isso ele é retomado. Todas essas ideias agindo sempre na liberdade, não buscando limitar-se às arbitrariedades das instituições coercitivas. Isso pode ser entendido como um caminho de superação de elementos históricos repressivos e destrutivos que se fazem presentes na realidade social.

A ação humana na sociedade é única. É exercida sobre a natureza ambiental e sobre a própria natureza. Uma característica fundamental desta é que a ação criadora do ser humano não está isolada ou desvinculada da realidade, já que os indivíduos, ao se relacionarem para produzir e manter sua própria existência, desenvolvem condutas sociais a fim de atender às necessidades do grupo (ARANHA, 2006).

Tal ação humana sempre ocorre contendo liberdade em sua essência, pois o agir não está determinado para o ser humano. Esta se realiza na concretude dos fatos, à medida que o indivíduo está situado no mundo e é capaz de apreender a

realidade, projetar mudanças e realizá-las. Porém, não pode ser desconsiderado o fato de que a socialização da cultura passa por mudanças significativas ao longo da história, à medida que, para atender às necessidades do grupo social, o agir humano vai se adaptando a cada contexto. Isso acontece porque o ser humano recebe uma herança na história, e esta vai sendo ressignificada, transformada, pois a cultura acontece em um processo de recriação.

Quando se pensa na cultura de um povo, pode-se ir além de um conceito propriamente antropológico e analisar também a produção intelectual expressa em diferentes atividades. Dessa forma, pessoas ou grupos se ocupam de uma maneira diferente da expressão cultural. Pensando a partir de um olhar apurado, esses bens culturais não estão disponíveis para todos, tanto no que diz respeito à produção, como ao consumo. Assim:

[...] predominam relações de dominação, as pessoas do povo são impedidas de elaborar criticamente a sua própria produção cultural e, conseqüentemente, são excluídas do acesso a esse tipo de bens culturais. E, quando deles se apropriam, tende a prevalecer o consumo da cultura dominante (ARANHA, 2006, p. 60).

Nesse contexto, conforme explicitado na citação acima, pode-se recordar expressões comuns da sociedade como o ter cultura ou não. A pessoa culta seria aquela que possui o conhecimento, que tomou posse de um benefício. A cultura orienta duas perspectivas existentes para os indivíduos, que é o ter e o ser, uma complementando a outra e integrando uma unidade. O **ser** é a dimensão do estar situado e ser sujeito da própria história. O **ter** se refere à apreensão de tudo o que os homens produzem e realizam na sociedade, enquanto cultura. Quando se reflete sobre a integração do sujeito na cultura, logo se pensa no desenvolvimento de todas as potencialidades de conhecimento presentes em cada um.

A cultura não deixa de ser um elemento importante da natureza humana (CHOMSKY, 2018). Não pode ser caracterizada ou considerada algo contingente, mas essencial ao desenvolvimento humano. Não cabe aqui destacar cada tipo de cultura, mas enfatizar que a experiência de cultura de cada indivíduo ou de uma coletividade pode ser muito desigual. Essa afirmação se evidencia ainda mais fortemente quando Chomsky concorda com Friedrich Wilhelm Joseph Schelling (1775-1854), conforme afirma o estudioso em sua análise de que o homem nasceu, não apenas para especular, mas para agir. Chomsky amplia ainda o horizonte

acerca do entendimento sobre natureza humana, quando recorda a crítica que Jean Jacques Rousseau (1712-1778) faz a praticamente todas as instituições sociais, entre elas, a da propriedade. Ele queria ver o homem da maneira que a natureza o criou. Dessa forma, são deduzidos os princípios do direito natural e os fundamentos da vida social na obra do filósofo suíço (REIS, 2010).

Rousseau<sup>11</sup> compreende que o homem em seu estado natural é autônomo, isto é, não deve obrigação a uma estrutura social. Nesse estado, o homem almeja o que está a sua volta, porque não tem a consciência pensante. Vivia-se somente das necessidades sensitivas, como o cuidado com sua autopreservação e sua reprodução.

Chomsky recorre à Filosofia rousselfiana a qual compreende o homem através da inteligência e da liberdade. Estes fatores justificam o motivo do linguista recorrer ao filósofo francês, pois essa ideia está ligada ao conceito de natureza humana. Por isso, a essência da natureza humana é a liberdade que o homem possui, aliada à sua consciência. Reis (2010), ao analisar a obra de Rousseau compreende que:

Não equivale a degradar sua natureza, ele se colocar no nível mais alto dos animais escravos do instinto, e até ofender o autor de seu ser, renunciar sem reserva ao mais precioso de todos os seus dons e submeter-se a cometer todos os crimes que nos são proibidos por ele, para comprazer a um senhor feroz ou insensato? (ROUSSEAU, 1964 apud CHOMSKY, 2008, p. 454).

A partir desse questionamento, pode-se pensar no quão desafiador é explicar a liberdade humana. A partir daí, Rousseau elabora suas críticas às instituições autoritárias. Aqui, uma indagação pertinente é: o que linguagem tem a ver com liberdade? A linguagem possui suas propriedades essenciais de seu conhecimento e uso. Isso requer uma mente humana e uma capacidade de pensamento e expressão, para que o ser humano consiga atender às suas necessidades, e dessa maneira, esteja livre das restrições externas da autoridade repressora, que muitas vezes o impede de realizar esse importante processo.

Dessa forma, a natureza humana possui uma base que oferece, ao mesmo tempo, a potência para o desenvolvimento de conhecimentos e habilidades e os atributos restritivos da mente. Quando o objetivo é avaliar algo que acontece, por

---

<sup>11</sup> Filósofo que marcou o período da Revolução Francesa e influenciou a formação do pensamento político e educacional moderno.

exemplo, para gerir qualquer instituição, o fundamento de tal avaliação deve ter por critério como a consciência de liberdade acontece e orienta cada indivíduo. Apesar dos limites estipulados pelas restrições mentais, é possível evoluir dentro deles. Assim, também, é possível criar condições sociais que tornem concreto aquilo que é a liberdade expressa a partir dos diversos tipos e níveis de limite e, por conseguinte, permitir a diversidade dos sujeitos e a autorrealização pessoal.

A perspectiva apresentada por Chomsky indica que a ação do conhecimento é superior à manifestação de regras. As regras não esgotam a capacidade que o conhecimento possui para operar no indivíduo. Nesse caso, a linguagem é utilizada para indicar uma visão do conhecimento de forma geral (REIS, 2010).

Mesmo se as condições sociais e materiais se extinguirem, como por exemplo, o acesso a tecnologias e recursos diversos, impedindo o desenvolvimento intelectual de certo número de pessoas, a ciência, a matemática e a arte seriam capazes de exercer uma pressão diante dos limites da capacidade cognitiva do indivíduo, ou seja, o aprendizado não deixaria de acontecer, pois esses conhecimentos teriam a força de concretizá-los (REIS, 2010). Importa ressaltar que não há uma fundamentação científica fechada ou rígida em torno dessas concepções abordadas até aqui nesse trabalho, ao contrário, por exemplo, da gramática gerativa.

O alcance efetivo da capacidade cognitiva em questão, referente à natureza humana, pode ser comparada ao processo de desenvolvimento da linguagem, e essa é a coluna vertebral deste trabalho. Portanto, é necessário um ambiente rico e aberto para tal desenvolvimento, assim como para o linguístico do indivíduo, pois cada um traz consigo muitas potencialidades investíveis não estimuladas pelo mundo.

#### 4.3 UMA AVALIAÇÃO PROVOCA MUDANÇAS

Em primeiro lugar, o processo avaliativo de uma ampla estrutura educativa, como foi visto até o presente momento, deve passar pela tríade conhecimento, investimento e avaliação. Esta última é capaz de abarcar os dois anteriores. Avaliar deve ter por principal objetivo possibilitar a melhoria do processo, tentando garantir a máxima qualidade de resultado, o que corresponde, nesta perspectiva, ao máximo desenvolvimento da competência (potencialidades). Isso implica rever as metas e a

realidade concreta, para que reestruturações necessárias sejam viabilizadas e algo diferente e melhor em prol da educação possa acontecer.

Chomsky acredita no princípio da liberdade, associado ao conceito de natureza humana. Esses dois temas permitem pensar o agir de cada indivíduo. A ação não acontece de qualquer forma, mas precedida dessas duas importantes características. O indivíduo deve participar livremente da atividade educativa, não visando apenas a um retorno material da atividade, mas, sobretudo, à interação com os conhecimentos e o meio em que se encontra. À luz desses pressupostos, o filósofo da linguagem convida a revisitar um ideal específico de educação:

Usando uma imagem que data do Iluminismo, a educação não deveria ser uma questão de se colocar água em uma vasilha e uma vasilha com muitos vazamentos, como todos sabemos, mas, ao contrário, pegando emprestado mais uma vez as ideias de Von Humboldt, a educação deveria ser concebida como algo que mostra um caminho ao longo do qual os aprendizes prosseguem por seus próprios meios, exercitando e melhorando sua capacidade criativa e sua imaginação, experienciando a alegria da descoberta (CHOMSKY, 2018, p. 107).

Essa afirmação provoca a reflexão dos princípios que conduzem à prática educacional. O autor se fundamenta na ideia política de que somente a democracia, dentre as diversas e limitadas estruturas políticas possíveis existentes hoje, é capaz de se aproximar da liberdade humana e fazer jus a ela. A educação deve ser planejada na intenção de promover a criatividade, a exploração de diversos conhecimentos e o trabalho cooperativo. Embora seja algo que envolva o coletivo, os meios utilizados são diversos e cada indivíduo busca se adequar a seu modo, porque as condições sociais e econômicas de cada um ajudam a determinar tais meios.

Intimamente ligado ao tema da liberdade, tem-se o contraponto do tema do poder e seu uso que devem estar sempre amparado por um fundamento de justiça, embasado pela ótica criativa da natureza humana. Assim, deve haver um olhar voltado para a liberdade do sujeito que constrói sua história. Para que tal liberdade aconteça, deve haver a prática de um poder, bastante ciente de seu papel construtivo a serviço da sociedade, que busca conhecer as necessidades de cada sujeito em uma análise atenta. O importante é a adesão de cada indivíduo e a participação em uma comunidade livre e justa (CHOMSKY, 2018).

A sociedade não é algo pronto e acabado. Ela se faz e refaz constantemente ao longo da história. E como os indivíduos estão intimamente ligados na sociedades a competência biocognitiva, que lhes são próprias, corresponde a uma realização também contínua. Como visto, esta se dá por meio do desempenho, o qual necessita ser avaliado constantemente para que o seu sentido e alcance correspondam aos objetivos individuais e coletivos.

A competência a ser avaliada não é uma pura virtualidade da espécie, mas se erige sobre as aquisições efetivas e os aprendizados já construídos. Afinal, quanto mais conhecimentos são adquiridos e mais habilidades desenvolvidas a partir da competência (potencialidade total), mais capaz, para adquirir novas oportunidades de desenvolvimento, se torna um indivíduo. Assim, deve ser considerada a interação que houve no ambiente educativo a partir de todos os investimentos realizados para que a avaliação seja precisa. Por conseguinte, os recursos materiais e humanos podem ser repensados, revisitados, para que as ações educativas possam ser favoravelmente modificadas. O movimento de avaliar deve sempre ter em vista o sujeito, pois este é o protagonista de todo conhecimento que ele mesmo adquire. Não existe processo de conhecimento sem sujeito que o busque, o adquira e o torne concreto.

Dessa forma, as rotinas pedagógicas devem ser avaliadas, começando pelo espaço e pela realidade de cada sujeito, considerando aspectos culturais diversificados. Deve se pensar nas exigências das avaliações, na segmentação do currículo e nas imposições da organização escolar. A necessidade e a formalização dos ofícios de professor e aluno têm levado muitas pedagogias e didáticas a não construírem competências – conjunto de capacidades e habilidades – e visar apenas a aprovação em exames (DOLZ; OLLAGNIER, 2004).

A escola possui a missão prioritária de desenvolver a inteligência como capacidade multiforme de adaptação às diferenças e às mudanças que ocorrem na sociedade. Apesar disso, observa-se uma dificuldade no sistema educacional quando o assunto é a necessidade de desenvolver competências. O sistema não pode ficar preso às notas, avaliações, planejamentos, apenas enquanto um formalismo a ser cumprido. Muitas vezes o conhecimento é tratado como algo apenas funcional, mecanizado e exterior ao homem. Isso é um verdadeiro equívoco, pois, sendo assim, o sujeito não dá conta de atender às demandas de uma realidade

cheia de surpresas, da evolução do mundo, das fronteiras, das tecnologias, dos estilos de vida.

Nesse sentido, é preciso um sistema educacional aberto para o desenvolvimento de competências, capaz de gerenciar conhecimentos disciplinares, conforme as necessidades de cada indivíduo e de cada contexto. Deve-se buscar um equilíbrio entre o ensinar os conhecimentos e o desenvolver as competências. É mais fácil avaliar os conhecimentos de um aluno do que suas competências, pois estas exigem uma avaliação mais complexa. Tal modo de avaliar necessita conhecer todo o processo de aprendizagem que foi construído ao longo de sua trajetória, com seus desafios e facilidades. Assim, a educação, de um modo geral, tem uma importante tarefa de buscar mobilizar os conhecimentos que já foram constituídos em cada educando com sua história particular.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o que fora desenvolvido, é possível perceber que o objetivo de apresentação da teoria gerativa da linguagem de Chomsky não é a compreensão de regras gramaticais, mas como o conhecimento linguístico inato aponta para possibilidades importantes de investimentos na educação, numa perspectiva mais ampla, em vista do todo do processo de aprendizagem. É importante destacar que esse processo recebe um novo olhar, através do argumento da dotação biológica. Não se trata da perspectiva construtivista, em que a aprendizagem é um processo mais exterior, muito menos de uma concepção behaviorista, em que os reforços e estímulos proeminentemente dão origem aos comportamentos humanos, como afirma Skinner.

O filósofo estadunidense aborda essa novidade através do conceito de Aquisição, como algo que se dá naturalmente ao indivíduo, por dotação biológica. Dessa forma, o aprendizado aparece posteriormente, sendo realizado a partir de uma base inata do conhecimento. A análise dessa base exige uma explicação consistente por meio dos conceitos de competência e desempenho. Ambos permitem compreender que o conhecimento linguístico já existe no indivíduo e apenas é desenvolvido numa expressão contínua de desempenho por meio do aprendizado posterior, o qual concretiza o conhecimento de base já existente.

O objetivo do presente trabalho não foi apresentar regras formais de uma teoria, mas mostrar como o conhecimento da teoria gerativa da linguagem pode auxiliar na ação educativa. Assim, aquilo que é universal no conhecimento da linguagem pode ser aplicado na tarefa educativa de todos os indivíduos. Nesse sentido, o ponto de partida do exercício de educar é o universo linguístico inato, que se torna algo não somente individual, mas também coletivo e social. A partir do desempenho individual, principalmente, é que se aprofunda no conhecimento dos limites cognitivos de cada um e, então, tem-se uma noção melhor do que pode ser feito para que o aprendizado aconteça com mais qualidade. É justamente a capacidade cognitiva de cada um, exposta ao processo contínuo de desenvolvimento da linguagem, que abre possibilidades de investimento na ação educativa, não somente em âmbito escolar, mas de um modo amplo. A competência cognitiva humana é amplíssima, para além do âmbito da linguagem, e, partindo-se



de uma avaliação adequada do desempenho nela fundado, pode-se otimizar quaisquer aprendizagens.

A partir da análise sobre a criatividade linguística, pressuposta a base inata afirmada por Chomsky e as noções de competência garantida e desempenho aprimorável, pode-se ter as ferramentas necessárias para uma gestão educacional que invista no ser humano nos aspectos individuais e sociais. Para isso, o conceito de competência assume um sentido um pouco diferente. É de suma importância ressaltar que a definição primeira de competência – o conhecimento que o falante-ouvinte possui de sua língua, não foi deixada de lado. O novo significado, que tem a ver com a capacidade de realizar uma tarefa com qualidade, é trabalhado juntamente com o anterior naquilo que se refere aos limites e capacidades cognitivas de cada educando. Os dois sentidos de competência se entrelaçam, pois a primeira, cuja definição está ligada ao uso linguístico, fornece dados importantes de como trabalhar os limites e capacidades de cada indivíduo e em que investir. Até mesmo, posteriormente, a competência é base para uma avaliação consistente capaz de buscar analisar, com clareza, os motivos de uma difusão desigual do conhecimento, no processo de aprendizagem de cada indivíduo.

Por fim, faz-se bastante importante destacar que o presente texto pretendeu limitar-se a apresentar o conhecimento do estudo linguístico de Chomsky e como ele pode iluminar o processo educativo. As questões levantadas, neste trabalho, podem ganhar novos sentidos e perspectivas, pois a teoria da Geratividade de Chomsky não está finalizada. Sua produção intelectual acerca da linguagem ainda continua e parece que, da parte do próprio filósofo, permanecerá aberta a novas descobertas filosóficas e científicas. O objetivo, assim, foi procurar compreender aquilo que foi observado nos períodos de estágio, a saber, as limitações e qualidades dos educandos. Fez-se uma análise do processo educativo à luz da teoria da Geratividade de Chomsky, a qual pressupõe uma competência universal e um desempenho otimizável a partir dessa competência inata. Essa análise permitiu compreender que, apesar de na prática as diferenças de oportunidade e a presença de outros obstáculos ao desenvolvimento da aprendizagem não possam ser plenamente erradicados, investimentos no processo educacional podem ser feitos, de modo a proporcionar uma melhoria gradual e contínua na qualidade dos desempenhos de cada indivíduo.

## REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

BOMENY, Helena; MEDEIROS, Bianca Freire. **Tempos Modernos, tempos de Sociologia**. São Paulo: Editora do Brasil, 2010.

BORGES, Maria Célia. **Formação de professores**: desafios históricos, políticos e práticos. São Paulo: Paulus, 2013.

BUCHWEITZ, Marlise. Teorias da aquisição da linguagem: empirismo (behaviorismo), racionalismo, inatismo e construtivismo. In: TONI, Andressa (Org.). **Psicolinguística**. Porto Alegre: Sagah, 2019. p. 2-23.

CAETANO, Érico Augusto Silva. **Retóricas de ruptura na linguística do século XX**: Chomsky e Halliday em uma análise pela historiografia da linguística. 2019. 214 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2019.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CHOMSKY, Noam. **Linguagem e Mente**. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Unesp, 2009.

\_\_\_\_\_. **Aspectos de uma teoria da sintaxe**. Tradução José Antônio Meirelles e Eduardo Paiva Raposo. Coimbra: Armênio Amado, 1978.

\_\_\_\_\_. **Linguagem e responsabilidade**. São Paulo: JSN, 2007.

\_\_\_\_\_. **Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente**. Tradução Marco Antônio Sant' Anna. São Paulo: Unesp, 2005.

\_\_\_\_\_. **Que tipo de criaturas somos nós?** Tradução Gabriel Ávila Othero e Luisandro Mendes de Souza. Petrópolis: Vozes, 2018.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Tradução Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2017.

DIAS, Isabel Simões. Competências em Educação: conceito e significado pedagógico. **Revista da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 74-78, jan/jun. 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pee/v14n1/v14n1a08.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2020.

DOLZ, Joaquim; OLLAGNIER, Edmée. **O enigma da competência em educação**. Tradução Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2004.

GLENDAY, Candice. Chomsky e a linguística cartesiana. **Revista Transformação**. Marília, v. 33, n. 1, p.192-202, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/trans/v33n1/a09v33n1.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2020.

\_\_\_\_\_. **Noam Chomsky**: Linguística e Filosofia. 2008. 109 f. Dissertação (Mestrado em cognição e linguagem) – Universidade do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Rio de Janeiro, 2008.

LINGUAGEM. In: ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 615.

MARCONDES, Danilo. **Textos básicos de linguagem**: de Platão a Foucault. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

PLATÃO. **Mênon**. Tradução Maura Iglésias. São Paulo: Editora PUC Rio, 2001.

REIS, Leonardo Borges. **Linguagem e Política no pensamento de Avram Noam Chomsky**. 2010. 158 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

SCHNEEBERGER, Carlos Alberto. **Minimanual compacto de história geral**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Rideel, 2009.

SOUTO, Caio. A articulação saber-poder no debate entre Chomsky e Foucault. **Anais do Seminário dos estudantes de pós-graduação em filosofia da UFSCAR**, São Carlos, n. 10, p. 78-84, 2014. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/~semppgfil/wp-content/uploads/2012/05/8-Caio-Souto.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2020.

TAVARES, Thais de Lira. **Competência, Performance e Educação**: uma perspectiva: apreciação do espaço sócio linguístico-educativo. 1970. 290 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1970.

WEILL, Pierre. **A criança, o lar e a escola**: guia prático de relações humanas e psicologia para pais e professores. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2019.